



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/ SOCIOLOGIA**

**EMANUELY LIMA MONTEIRO**

**ELOGIO À FELICIDADE:**  
**UMA LEITURA DA PÓS-MODERNIDADE A PARTIR DE EPICURO**

**SÃO BERNARDO**  
**2018**

**EMANUELY LIMA MONTEIRO**

**ELOGIO À FELICIDADE:**

UMA LEITURA DA PÓS-MODERNIDADE A PARTIR DE EPICURO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciência Humana/ Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus de São Bernardo-UFMA em cumprimento das exigências para obtenção do título de licenciado em ciências humanas com habilitação em sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandilson Silva de Miranda.

SÃO BERNARDO  
2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Lima Monteiro, Emanuely.

Elogio à felicidade : uma leitura da pós-modernidade a partir de Epicuro / Emanuely Lima Monteiro. - 2018.  
49 f.

Orientador(a): Wandelson Silva de Miranda.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, 2018.

1. Epicuro. 2. Felicidade. 3. Pós-Modernidade. I. Silva de Miranda, Wandelson. II. Título.

**EMANUELY LIMA MONTEIRO**

**ELOGIO A FELICIDADE:**  
**UMA LEITURA PÓS-MODERNA A PARTIR DE EPICURO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em  
Ciência Humana/ Sociologia da Universidade Federal do  
Maranhão, campus de São Bernardo-UFMA em  
cumprimento das exigências para obtenção do título de  
licenciado em ciências humanas com habilitação em  
sociologia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda (Orientador)  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

---

Profª. Dr. Alina Silva Sousa de Miranda  
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que me permitiu realizar esse sonho.

Ao professor Dr. Wandelson Silva de Miranda, pela paciência e dedicação em me orientar, a Dr. Alina Silva Sousa de Miranda, Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira e Dr. Washington Tourinho Junior que me incentivaram no momento decisivo da escolha do tema, no trabalho de pesquisa e na vida, não apenas acadêmica.

Aos meus amigos, que me deram suporte e me motivaram a continuar quando já estava bem cansada, pelos momentos que passamos juntos e que fizeram essa jornada ainda mais especial.

Aos meus pais Roselia e Wagner, meus irmãos Karyne e Wagner Filho, minha sobrinha Moniky e meu cunhado Neto Reis pela paciência, carinho e incentivo durante esses anos.

“E os homens, absurdamente, buscam outra coisa: como se tudo não fosse o bastante.”  
(COMTE-SPONVILLE, 2001)

## RESUMO

A questão da felicidade era um dos pontos que fundamentavam as correntes filosóficas do período helênico, diferentes escolas, com diferentes métodos, pretendiam ensinar o homem a viver, porém essa abordagem foi aos poucos sendo abandonada, grandes avanços e descobertas alcançados com o decorrer dos anos foram surgindo e com eles temas que pareciam mais urgentes e importantes de serem discutidos. Nossa proposta é entender como a pós-modernidade apreende a felicidade e compará-la com a ideia de felicidade em Epicuro, filósofo que se dedicou exclusivamente a esse tema. Utilizaremos a *Carta sobre a Felicidade a Meneceu* de Epicuro e *A Era do Vazio* de Gilles Lipovetsky para caracterizar o cenário pós-moderno. A partir destas duas óticas analisaremos como as questões comuns da vida humana são abordadas, entender também as consequências de uma sociedade que acredita que a felicidade está nas coisas externas, de como o indivíduo pós-moderno encontra-se vazio mesmo com todas as esferas do social moldando-se para atendê-lo.

**Palavras-chave:** Epicuro. Pós-Modernidade. Felicidade

## **ABSTRACT**

The question of happiness was one of the points that founded the philosophical currents of the Hellenistic period, different schools, with different methods, intended to teach man to live, but this approach was slowly being abandoned, great advances and discoveries achieved over the years emerged and with them themes that seemed more urgent and important to be discussed. Our proposal is to understand how postmodernity apprehends happiness and to compare it with the idea of happiness in Epicurus, a philosopher who dedicated himself exclusively to this theme. We will use the Letter on Happiness the Mentioned of Epicurus and The Age of the Void of Gilles Lipovetsky to characterize the postmodern scenario. On these two perspectives we will analyze how the common questions of human life are approached, also understand the consequences of a society that believes that happiness is in external things, of how the postmodern individual finds himself empty even with all spheres of social shaping to serve you.

**Key-word:** Epicurus. Postmodernity. Happiness.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 UM JARDIM ESQUECIDO: a felicidade na filosofia epicurista .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Filosofia Epicurista.....</b>	<b>14</b>
<b>3 A PÓS-MODERNIDADE E A FUGA DO VAZIO .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 Concepções de mundo e rupturas .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Narciso e o peso do viver .....</b>	<b>30</b>
<b>4 FELICIDADE COMO META DA FILOSOFIA .....</b>	<b>36</b>
<b>4.1 Filosofia antiga .....</b>	<b>36</b>
<b>4.2 Torna-te o que tu és .....</b>	<b>39</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>48</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante algum tempo vários filósofos, sobre diferentes perspectivas, se dedicaram a discutir a felicidade, mas aos poucos essa abordagem foi sendo abandonada, compreendia-se que haviam outros temas mais importantes, mais reais e mais urgentes. O fato é que a questão da felicidade se tornou cada vez menos discutida, o homem em busca do conhecimento e do domínio sobre a natureza foi adiante em suas pesquisas, tornou-se conhecedor e teve domínio sobre muitas coisas, mas foi pouco a pouco desconhecendo a si mesmo; consegue falar com clareza e segurança daquilo que está a sua volta, mas muito pouco compreende o que está dentro de si, das coisas que sente, daquilo que o deixa feliz.

Segundo Robert Misrahi, após a Segunda Guerra Mundial a filosofia acompanhou o pensamento de Heidegger de que a felicidade não merecia ser um tema de destaque na filosofia, e que a angústia seria uma condição existencial digna de ser discutida, para esse filósofo o ser humano era um ser para morte e era sobre isso que se devia filosofar.

Porém essa falta de abordagem da felicidade não significa que o indivíduo tenha deixado de desejar a felicidade, este desejo é inerente ao homem, Sponville (2001, p.2) afirma que “a busca da felicidade é a coisa mais bem distribuída do mundo.” Se a felicidade deixou de ser um tema discutido pela filosofia contemporânea, e se ao mesmo tempo ela continua sendo um desejo comum a todo ser humano, como o homem pós-moderno compreende a felicidade hoje?

Inúmeras descobertas, grandes avanços nas áreas das ciências, da medicina, da física entre outros foram realizados, mas o desejo humano pela felicidade continua, porque tudo que o homem se dedica a fazer tem em vista a felicidade. Nosso objetivo no trabalho é compreender como a sociedade pós-moderna apreende a felicidade e compará-la com a perspectiva de felicidade a partir de Epicuro.

Epicuro foi um filósofo que se dedicou exclusivamente a felicidade, que pensou a vida, o bem-estar como mais importante que qualquer outra coisa, foi um homem que partiu pra lutar contra o medo e as superstições de um povo que vivia em um verdadeiro caos. De modo simples ensinou sobre a importância do conhecimento sobre si, dos desejos, da dor, do medo da morte e dos deuses. Seus ensinamentos foram contrários às filosofias da época, enquanto as academias prezavam pelo sucesso da *polis*, da importância da atividade política, Epicuro se distanciava de tudo isso, pois tinha como proposta o sucesso do indivíduo, isto é, a felicidade individual.

Epicuro bebeu na fonte de vários filósofos, tomou para si o que era essencial para explicar à sua maneira de ver e viver a vida com simplicidade e prudência.

Na pós-modernidade nos deparamos com uma outra perspectiva de felicidade que reside no próximo anúncio, do mais novo celular, ou computador, no carro do ano e por aí vai saltando entre um objeto e outro. A felicidade é vendida e anunciada por todos os lados, um grande leque de escolhas é ofertado para que o consumidor tenha mais opções a sua disposição, garantindo sempre mais bem-estar e a tão almejada felicidade.

É a esse estágio da sociedade que o filósofo Gilles Lipovetsky, vai denominar de *a era do vazio*, uma sociedade regrada pelo hedonismo desenfreado e sem sentido, que torna cada vez mais vazia a vida, sempre rodeados pelo tédio de ser quem se é e de estar onde se encontra, a dificuldade de estar consigo e o medo de ver a si mesmo. Tudo só acompanha a moda, o anúncio do momento, e se lhes retiram isso há apenas vazio que o consumo e o prazer desmedido não foram capazes de preencher.

Sobre óticas totalmente inversas a ideia de felicidade passou de uma experiência de ser, para uma necessidade de sentir qualquer coisa. Enquanto a filosofia antiga tratava da felicidade como uma experiência que exigia esforço e conhecimento sobre si e sobre seus desejos, sobre um trabalho de aceitação das condições existenciais, de um prazer de ser e estar no mundo, a pós-modernidade está imersa em um vazio espiritual que busca apenas se libertar do real, que em vez de procurar com sinceridade a si mesmo, busca as diversas formas de mascarar a realidade.

Como encontrar no conhecimento dos antigos uma maneira de viver bem, de ser e estar feliz com aquilo que se é, com o que se tem, e com o que se faz? Há ainda como a filosofia de Epicuro nos ajudar? A filosofia ao afastar-se da pergunta sobre o sentido da felicidade não deixou de lado sua verdadeira função?

A filosofia em seu sentido original tem como objetivo ajudar o homem a viver bem, é nisso que reside a ideia de amor à sabedoria. As interrogações sobre o sentido da vida, o medo do futuro e da morte, as angústias comuns a todo ser humano são as bases das reflexões da filosofia antiga, ao compreender que tais preocupações impedem a felicidade, a filosofia antiga pretende, não se livrar delas, mas, ensinar o homem a lidar com tais paixões, uma vez que percebe que essas perturbações são frutos de uma preocupação em demasia com o futuro ou com o passado, com medos desnecessários e anseios confusos com relação aos prazeres.

É sob essa perspectiva que diferentes escolas filosóficas da Antiguidade organizaram exercícios capazes de ajudar o homem a lidar com essas paixões, direcionado as necessidades específicas de cada indivíduo e organizando os discursos filosóficos para oferecer uma

terapêutica da alma, no sentido de que tal terapêutica pretendia dar meios para os homens tornarem-se, o quanto possível, senhores de si mesmos, porque adotavam a filosofia como um estilo de vida, uma mudança na sua visão de mundo, ou, como afirma Hadot, ela se tratava de uma metamorfose da personalidade.

Assim funcionavam as escolas do período helênico, o epicurismo, o estoicismo, o ceticismo e o cinismo tinham cada um o seu estilo de viver, cada escola propunha exercícios e todos eles tinham como único objetivo o cuidado de si, o saber viver. No epicurismo o prazer pelas coisas supérfluas e o medo da morte e dos deuses são os grandes corruptores da paz de espírito, seus exercícios estão destinados a tratar desses medos ao considerá-los inúteis, ensinar uma dietética dos prazeres e sobre a dor. No estoicismo o principal exercício é a atenção, para eles é necessário estar sempre atento ao que acontece e saber discernir o que está sob seu domínio e o que está sob o domínio da natureza, e assim se dedicar apenas aquilo que depende de si mesmo. Com o ceticismo a tranquilidade da alma se dava pelo distanciamento em afirmar a verdade sobre a natureza das coisas, para os cétricos não dispomos de meios para assegurar a verdade, Pirro, fundador do ceticismo, ou pirronismo, duvidava das próprias sensações. E no cinismo o exercício era se libertar das convenções sociais e se aproximar da natureza do ser, Diógenes, o nome mais conhecido dessa corrente, era comparado a um cão por viver de forma semelhantes aos animais, ou seja, segundo sua natureza.

Diferente dessa concepção de filosofia prática porque é um estilo de vida, a filosofia atual se constitui por discursos, sistemas e abstrações, apenas no âmbito teórico, o que significa dizer que ela se distanciou de seu aspecto original. Hoje os discursos filosóficos pouco se dedicam a temas referentes a existência humana no seu aspecto mais essencial como no caso da Antiguidade, por parecerem banais diante de tantos quantitativos que comumente narram um ideal de justiça, de direito, de sociedade, e que poucas vezes é possível de ser aplicado.

Uma vez que o epicurismo afirma que a realização humana depende sim do prazer e a sociedade pós-moderna se encontra envolta a um hedonismo desenfreado, encontramos em Epicuro uma forma saldável de lidar com essa questão, ao afirmar que “o prazer é o início e fim de uma vida feliz” (EPICURO,2002, p.37), ou seja, que a felicidade ou a infelicidade dependem do bom ou mau uso dos prazeres, ele então propõe a dietética dos desejos. O epicurismo é uma filosofia antiga que contempla questões sempre atuais, que possibilita uma reflexão e uma prática acerca dos prazeres que hoje aparece apenas como uma válvula de escape, ele não é mais buscado em sua essência, mas como fuga da realidade, como fuga da dor, do medo, e por isso mesmo da própria vida.

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta o contexto histórico no qual surgiu a filosofia epicurista, sobre como ela foi contrária ao que se ensinava na época, enquanto se contemplava a razão, alimentavam o medo pelos deuses e ensinavam sobre a importância da atividade cívica, Epicuro retoma a questão do prazer, busca libertar o homem dos medos que o assombram, ensina sobre o cuidado de si. Descrevemos também como funcionava o Jardim e os elementos gerais de sua ética, a parte prática de sua filosofia.

No segundo capítulo traçaremos de maneira sucinta as rupturas pelas quais a sociedade passou até chegar a pós-modernidade, descrevemos essa nova era que se move por meio do consumo e do hedonismo, tendo a figura do homem pós-moderno representado por Narciso que se vê sufocado por excesso de atenção, que foge de suas emoções, e de como não é mais capaz de ver seu próprio rosto porque não mais se conhece.

No terceiro capítulo comparamos as concepções epicuristas com as da pós-modernidade, sobre a própria transformação da filosofia prática para uma filosofia teórica, de como essas diferentes perspectivas se relacionam com o tempo, com o medo, com a morte, de que formas elas apreendem a felicidade e suas consequências.

Destacamos como as transformações pós-modernas, embora bem intencionadas, se perderam no caminho e não souberam voltar ao essencial, que não é antigo, mas sempre atual porque acompanha o homem desde sempre, e sobre como esse esquecimento de nós mesmos constituiu uma sociedade doente, frágil e apática.

## 2 UM JARDIM ESQUECIDO: a felicidade na filosofia epicurista

### 2.1 Filosofia epicurista

As escolas de Platão<sup>1</sup> (427-347 a.C.) e Aristóteles<sup>2</sup> (384-322 a.C.) predominante na época, instruíam sobre a importância da atividade cívica aos seus cidadãos, a política era o centro de seus ensinamentos, e pregavam a concepção de homem e de cidade ideais. Platão dividiu três tipos de castas, os guardiões que eram responsáveis pela administração da cidade, tinham a virtude da *sabedoria*; os auxiliares com a virtude da *coragem*, se dedicavam em proteger o Estado de possíveis invasores; e os produtores possuíam a virtude da *temperança*. Todos deveriam cumprir com suas funções para a consolidação da cidade justa. Dessa forma “o respeito pelos contratos, a honestidade dos artesãos e a honra dos soldados eram transformados em deveres religiosos cuja infração provocava raios dos céus.” (FARRINGTON, 1968, p.76).

A religião mantinha uma relação intrínseca com a política, uma servia de sustentação a outra. “Os nobres e os poderosos controlavam a religião, a exposição da lei e a interpretação da vontade do céu, não sem colher benefícios para si próprios”. (ULLMANN, 2010, P. 40,) Ou seja, os governantes tinham na religião um apoio para a consolidação de um Estado justo, segundo a sua vontade, uma vez que eram eles que interpretavam a vontade divina. Ora, quem se atrevesse a descumprir sua função seria castigado pelos deuses e era justamente esse medo de ser punido que mantinha o bom andamento do governo, cada um aceitando sua casta e fazendo suas atividades específicas.

As concepções de Platão de certa forma somavam as ideias de Aristóteles quando esse afirma que “o reconhecimento de que o indivíduo justo e feliz é o produto de uma sociedade justa e feliz.” (FARRINGTON, 1968.p.75). Isso quer dizer que a felicidade do homem, daquela época, dependia da felicidade da cidade, e era nisso que os gregos acreditavam. Cada um se dedicava em fazer bem aquilo que estava apto a fazer para manter a harmonia da cidade e por consequência sua própria felicidade.

Porém “a partir dos anos 300 a.C., não só Atenas, também toda a Grécia começou a viver à sombra do poder político expansivo da Macedônia: uma humilhação para os cidadãos habituados a se vangloriar de sua autonomia e da plena posse de sua liberdade.” (SPINELLI,

<sup>1</sup> Platão (327-34), filósofo grego, discípulo de Sócrates. Autor de: *A Republica*, *O banquete*, *O Sofista* entre outros.

<sup>2</sup> Aristóteles(384-322) nasceu em Estagira na Macedônia. Foi discípulo de Platão, e professor de Alexandre O Grande.

2009. p. 93), com a vitória de Alexandre os cidadãos que antes tinham o direito de opinar sobre as decisões da cidade, passaram a ser apenas servos desse novo reinado<sup>3</sup>, o que causou uma forte crise nessa população.

As “habilidades” que contam não são mais as antigas “virtudes” cívicas, mas um saber e uma técnica que não podem ser possuído por todos, porque requerem conhecimentos e disposições especiais. Em todo caso, elas perdem o conteúdo ético para adquirirem um conteúdo mais propriamente profissional. (REALE, 1994, p.6).

Anteriormente cada cidadão exercia sua função e suas virtudes para manter a ordem da cidade e consequentemente sua felicidade, com o reinado de Alexandre tudo que orientava a vida dos gregos, tudo o que dava-lhes sentido foi retirado. Houve uma perda de referência que antes mantinha um ideal de vida e um ideal de felicidade de toda uma população e por esse motivo as filosofias de Platão e Aristóteles não refletiam mais a realidade, de nada adiantava as escolas estimularem a importância da atividade política se os gregos já não podiam agir civicamente.

Em meio a esse caos, Epicuro<sup>4</sup> não pensa em reestabelecer o Estado mais em libertar o homem do medo, da dor e das superstições, o filósofo se afasta inteiramente das atividades referentes à cidade e se dedica unicamente na capacidade do homem encontrar em si mesmo a felicidade, ele “supunha que a maior opressão humana não é externa, mas interna; e a que vem de dentro, que se instala na alma e promove, de todos, o pior jugo: a perda do espírito livre.” (SPINELLI, 2009. p. 96.) A importância de cuidar de si mesmo era para ele primordial, era preciso se emancipar daquilo que perturba a alma e impede a paz de espírito, que impede uma vida feliz.

Em 306 a. C., Epicuro compra um jardim e funda sua escola em Atenas, que na verdade se trata de uma comunidade<sup>5</sup>, e sobre influência de Aristipo<sup>6</sup> retoma a questão do prazer, compreendendo-o como algo que é inerente a natureza humana e que por esse motivo não deveria ser desprezado e ter tão pouca atenção, e mais uma vez o filósofo é contrário as

<sup>3</sup> De cidadão, o homem torna-se simples súdito; deixa de valer pelo seu antigo valor cívico, pois todas as decisões relativas à coisa pública são tomadas sem a sua contribuição; a vida do novo Estado desenvolve-se independentemente do seu querer; caem as razões das suas antigas paixões, sente-se repentinamente vazio de conteúdo. (REALE, 1994, p.6).

<sup>4</sup> Epicuro nasceu, no ano 340/341 a.C., em Samos, e não em Atenas, como alguns autores consignam. Morreu em Atenas, em 270 a.C. parte de sua juventude passou-a na terra natal, onde se familiarizou com o pensamento de Platão (427- 347 a.C.). (ULLMANN, 2010, p.19).

<sup>5</sup> “A escola contava com discípulos residentes e com membros *participantes*. [...] os que efetivamente viviam na comunidade dedicavam-se acima de tudo ao cultivo e ao exercício da vida prática, quer capacitando-se intelectualmente (provendo dotes racionais do bem viver e cultivando o bom senso, o comedimento, o silêncio e a paz interior), quer exercendo funções práticas, manuais. Os trabalhos manuais estendiam-se quer às tarefas domésticas corriqueiras (preparar alimentos, assear a casa e utensílios), quer à lavra do campo, à preparação da terra e ao plantio.” (SPINELLI, 2009. p.109).

<sup>6</sup> “Aristipo (435-366 fundador da escola cirenaica) assentou na ideia do prazer o sumo bem, enquanto movente de tudo o que dizia respeito à vida e ao bem viver.” (SPINELLI, 2009. p.78).

concepções de Platão que dava à razão o título de capacidade superior<sup>7</sup> e única para apreensão da verdade.

Por se tratar do prazer, e da busca pela felicidade que é comum a todos os homens, o Jardim recebia “a nobres e não-nobres, a livres e não-livres, a homens e mulheres e por fim, a prostitutas em busca de redenção” (ULLMANN, 1994, p.153), prática de acolhimento diferente das academias de Platão e de Aristóteles que era destinada apenas a elite.<sup>8</sup> Retomar uma questão como o prazer e receber até mesmo mulheres no Jardim rendeu a imagem de Epicuro grandes mal entendidos, os não adeptos de seus ensinamentos imaginavam e espalhavam comentários sobre sua reputação que não condiziam com quem de fato Epicuro era. Longe de ser um hedonista desenfreado o filósofo é adepto da austeridade.

Epicuro vive de pão e água, até mesmo de um copo de vinho por dia. A um discípulo que lhe oferece provisões para fazer a festa, ele pede[...] um potinho de queijo...Quando chega o dia, o banquete se constrói em torno do modesto presente. Sua dietética entendia como ética, e vice-versa, permite-lhe mal e mal levar uma existência bem realizada até os setenta e dois anos. Amarrado à uma cama durante quinze dias, os últimos, por uma crise de cálculos[...], ele toma banho, reúne os amigos, toma um pouco de vinho, faz suas recomendações sobre a continuidade a ser dada a Escola, depois morre, tranquilamente, calmamente, longe das extravagâncias frequentemente associadas às mortes de filósofos na doxografia antiga. (ONFRAY, 2008, p.174)

Como afirma Onfray, Epicuro constrói sua filosofia sob o signo da dor, longe de ser adepto de todo e qualquer prazer Epicuro vive de modo simples, apenas com o necessário, mesmo sentindo fortes dores ele propõe uma filosofia da felicidade e da alegria de viver, mesmo vivendo com tão pouco ele propõe uma filosofia do prazer. A questão epicurista é como de determinada situação pode-se conhecer os males que nos afligem e por meio deles construir uma vida mais ativa.

A filosofia de Epicuro é dividida em três partes, a ética, a canônica e a física, sendo a canônica e a física bastante criticadas por se revelarem contraditórias,<sup>9</sup> mas o que de fato nos

<sup>7</sup> “A justificativa de Platão para o lugar inferior que dá ao prazer é a mesma que dá para o afastamento do conhecimento sensorial a um nível inferior ao da verdade científica.” (FARRINGTON, 1968, p. 134).

<sup>8</sup> “Platão e Aristóteles, considerando a filosofia como o valor mais elevado, visavam a criar uma sociedade na qual ela pudesse florescer. Com essa finalidade, tomaram providências para a divisão de classes, na qual o corpo de cidadãos gozariam do lazer para estudar, delegando a produção dos bens materiais às classes mais baixas.” (FARRINGTON, 1968, p. 111.)

<sup>9</sup> A canônica se refere aos critérios de verdade, ou seja, os instrumentos utilizados para se chegar a um conhecimento, e para Epicuro são eles as sensações, as antecipações e os sentimentos. As sensações são “impressões recebidas por nossos órgãos sensoriais, devido a estímulos externos.” (ULLMANN, 2010, p.48) E os possíveis enganos se dão por meio de um julgamento errado das sensações e não das sensações em si, por exemplo, quando se vê um torre de muito longe a vemos pequena, no entanto a medida em que nos aproximamos verificamos que se trata de um torre alta, o julgamento das sensações é que podem ser equivocados. As antecipações são “sinônimo de conceitos universais” (ULLMANN, 2010, p.50) são como lembranças de algo já vivido, experimentado, por exemplo, saber que o limão é azedo ou que o mel é doce antes de prová-lo, são sensações já experimentadas e que ficaram gravadas na memória. Os sentimentos são acompanhados pelas sensações, ou seja, sentimos dor ou prazer, e “o que dá prazer procuramos; o que provoca dor, evitamos. Mas a ação que tomamos

interessa é sua ética. Para este trabalho utilizaremos a *Carta sobre a Felicidade (a Meneceu)*, nessa carta Epicuro orienta de forma simples e clara, o que é uma de suas características para que o conhecimento seja apreendido de forma mais rápida e eficiente, como alcançar a felicidade. Conhecido como *tetrapharmakon*, o quádruplo remédio, a ética epicurista busca eliminar o medo dos deuses e da morte, e de como suportar a dor e conhecer os prazeres.

O medo das divindades, que é resultado de uma estratégia política de Platão,<sup>10</sup> fez com que a astúcia de alguns que se diziam adivinhos se aproveitasse da ingenuidade e do medo dos indivíduos, pois acreditava-se que tudo que acontecia eram sinais de recompensas ou de castigo para aqueles que tinham feito ou não a vontade divina. Muitos adivinhos vinham de outras regiões para atender as demandas de uma população amedrontada e preocupada em saber a vontade dos deuses. Tudo se tornara um meio de se descobrir a vontade divina, até mesmo “o voo das aves, a observação das entranhas das vítimas, os fatos prodigiosos – tudo se constituía em matéria de presságios.” (ULLMANN, 2010, p. 38).

Isso era para Epicuro inadmissível, uma vez que mantinha os indivíduos dependentes e amedrontados, enquanto ele pretendia exatamente o contrário, que a população se libertasse do medo do julgamento divino e da culpa de ter sido merecedor de algum sofrimento. O filósofo então afirma a existência dos deuses mais não atribui a eles nada que seja contrário a sua natureza, ou seja, a preocupação com a vida humana seria contraditória a ideia de deus, pois estes são perfeitos, imortais e felizes, enquanto a preocupação perturba a paz interior, “é pois absurdo imaginar os deuses inquietando-se e preocupando-se em governar o mundo e os negócios dos homens. Isso fora contrário à serenidade perfeita, que lhes dá a felicidade.” (ULLMANN, 2010, p. 83). Da mesma forma que não faz sentido deus castigar alguém uma vez que é bom.

Os deuses são, portanto, exemplos de plenitude e serenidade a serem seguidos pelos homens, tanto que em sua carta a Meneceu, Epicuro afirma que aquele que medita sobre seus ensinamentos viverá como um deus em meio aos mortais, justamente por conseguir a paz interior que lhes é característica, os deuses seriam o modelo exemplar da felicidade.

---

permanece como uma decisão da vontade e a própria ação é acompanhada de novo prazer ou dor,” (FARRINGTON, 1968, p.115). A física de Epicuro “é baseada inteiramente nos conceitos de átomos e do vácuo. [...] Por definição os átomos e o vazio não são acessíveis aos sentidos.” (FARRINGTON, 1968, p.117). O que contradiz a canônica e a sua afirmação a respeito da existência de deus.

<sup>10</sup> “Platão inventa uma mitologia útil para manter os homens no medo, na angústia e no terror. Esses medos e temores fornecem uma humanidade maleável, medrosa, fácil de conduzir. Alienada, por certo, mas dócil, disponível para a obediência a submissão e a renúncia a si mesma.” (ONFRAY, 2008, p.187.)

Enquanto Platão ensinava sobre a imortalidade da alma<sup>11</sup>, Epicuro afirmava que a alma não sente separado do corpo, ou seja, que a morte do corpo significa também a morte da alma. E portanto o medo da morte nada significa para nós, pois só se pode conhecer ou perceber algo por meio dos sentidos, e essa percepção somente é possível aos que estão vivos, e a morte é a privação dos sentidos, ou seja, enquanto estamos vivos e propensos a sentir, a morte não está, e quando mortos nada mais podemos sentir, logo não há motivo para temê-la.

Então, o mais terrível de todos os males, a morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada, nem para os vivos, nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. (EPICURO,2002, p,29).

Para Luc Ferry<sup>12</sup>, essa concepção de morte exposta por Epicuro se restringe apenas a morte biológica, enquanto para ele existe ainda em vida outras faces da morte que nos é apresentada. Para Ferry tudo o que não volta, o que é irreversível, pertence ao registro da morte. Logo, não é apenas a morte em si que nos aflige nem mesmo a sua espera, para Ferry não perdemos grande parte de nosso tempo pensando na morte, mais as recordações, a nostalgia, a certeza de que o que foi não volta, perpassa nosso ser e se torna empecilho para a felicidade.

[...] a irreversibilidade do curso das coisas, que é uma forma de morte interior mesmo da vida, ameaça-nos de sempre nos arrastar para uma dimensão do tempo que corrompe a existência: a do passado, onde se instalam os grandes corruptores da felicidade que são a nostalgia e a culpa, o arrependimento e o remorso. (FERRY, 2007, p.25)

Podemos encontrar ainda em Epicuro uma resposta, quando ele afirma que “A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhes tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.” (EPICURO,2002, p. 27). Da mesma forma que é necessário aceitarmos nossa finitude sem medo, é necessário também conviver com as demais sombras do irreversível, é preciso aceitar e conviver com nossa efemeridade, com o tempo, é preciso aprender a lidar com nossas lembranças do passado e nossas perspectivas futuras de modo saldável, sem jamais residir nelas.

É também por isso que geralmente pensamos a felicidade como algo que estar sempre por vir. Segundo Comte-Sponville (2010, p.36.)<sup>13</sup> “Só esperamos o que não temos, e por isso mesmo somos tanto menos felizes quando mais esperamos ser felizes. Estamos constantemente

<sup>11</sup> “Contrariando a fábula do *Fédon* de Platão, que ensina a imortalidade da alma, sua imaterialidade, o dualismo, a separação entre o corpo e a alma, com base no princípio da disjunção entre o inteligível e o sensível, o céu e a terra, Epicuro desdenha os que afirmam a inconsistência material da alma.” (ONFRAY,2008, p.196-197.)

<sup>12</sup> Luc Ferry, filósofo francês, nasceu em Paris em 1951. Foi ministro da educação na França. Autor de: *a nova ordem ecológica* (1992); *O que é uma vida bem sucedida?* (2002); *Aprender a viver- filosofia para os novos tempos* (2006); *A sabedoria dos mitos gregos*(2008).

<sup>13</sup> André Comte-Sponville, filósofo materialista francês, nasceu em 12 de março de 1952. Autor de: *A felicidade, desesperadamente*(2001); *Amor a solidão*(2001); *Bom dia angustia!* (1997).

separados da felicidade pela própria esperança que a busca.” Para ele a felicidade é desejar o que temos, o que somos, o que não nos falta, é quando sentimos prazer e alegria exatamente por ser e ter o que temos.

O único momento que de fato temos é o agora, o presente é a nossa eternidade, quando não o amamos, quando ele não nos basta, estamos automaticamente desejando algo que se coloca em uma dimensão do tempo na qual não residimos, que não é nossa e que nela nada podemos fazer, “só há movimento no presente, por que o presente é o único lugar do real.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 94). Estamos sempre com um “pé” ou no passado ou no futuro, raras vezes somos capazes de contemplar o agora<sup>14</sup> e dessa forma rompemos com a possibilidade de ser e de viver, porque o presente é único momento de que dispomos, é a eternidade de que fala Comte-Sponville. Para ele esse real, o presente, a eternidade vai muito mais além do que podemos pensar, e entender que a felicidade estar naquilo que ainda não temos ou não somos é reduzir o real, é reduzir a própria vida em nome de uma ideia que reside no futuro, e por isso o filósofo afirma que nós mesmos nos separamos de nossa eternidade e de nossa felicidade. “[...] dela estamos separados quase sempre, por nossos discursos sobre ela [...], por nossas esperanças, por nossos sonhos, por nossas frustrações, por nossas angústias, por nossas decepções.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.54-55)

Epicuro afirma que “não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver.” (EPICURO, 2002.p. 27) e que viver bem leva a morrer bem. Ora, aquele que não teme a morte não inquieta-se com sua espera, não perturba sua serenidade, uma vez que compreende que a morte anula os sentidos e que sabiamente vive o presente por isso não deseja a imortalidade. Quem vive bem não deseja a imortalidade porque vive a eternidade do momento. Afinal, “nada temos a lucrar vivendo eternamente, temos tudo a lucrar vivendo bem. O que conta é qualidade da vida e não a quantidade.” (FARRINGTON, 1968.p. 128).

Diferente do que foi falado a respeito de Epicuro sobre retomar a questão do prazer, e bem diferente de suas próprias influências, ou seja, de Aristipo “e seu gozo permanente, sem limites, ativo e voluntário,<sup>15</sup>” o filósofo adere a um hedonismo ascético, isto é, regrado. O fundador do Jardim não ignora as adversidades da vida, conhecia muito bem a dor e o sofrimento, pois viveu a sentir dores constantes. Em uma carta a um amigo diz o seguinte:

---

<sup>14</sup> “Somente o presente nos é dado. Mas nesse presente podemos viver certa relação com o passado, uma relação presente com o que já não é presente: a memória. Nesse presente, podemos viver uma relação atual com o futuro: é o que se chama, conforme os casos, esperança, vontade, projeto, programa, intenção...[...] é preciso que nossa relação com o futuro seja uma relação de gozo, de saber e de poder.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 95-96)

<sup>15</sup> Ver mais em Onfray, *Contra História da Filosofia antiga*. 2008, p. 203.

“escrevo estas palavras justamente neste último dia de minha vida feliz. São tantas as dores na bexiga e nos intestinos que a uma tal magnitude nada pode ser acrescentado. [...] O que todavia, compensa tudo isso é a alegria que provo na alma ao rememorar nossas discussões e descobertas” (EPICURO, *apud* SPINELLI, 2009, p.39).

Para ele a dor e o sofrimento não são castigos divinos, como muitos acreditavam, são apenas consequências naturais de quem vive, é preciso ter em mente que a dor ou é leve e duradoura e por isso suportável, ou é intensa e breve que leva a morte e nada mais haveremos de sentir.

O mal equivale ao sofrimento que se reduz a condições identificáveis na vida cotidiana. Onde? Quando? No desequilíbrio atômico, na perda da matéria, na destruição da natureza. [...] a fome e a sede, por exemplo indicam a necessidade de recompor a forma material adequada à ausência de dor. A dor da falta do alimento reclama a repleção que acalma o sofrimento, o interrompe, o faz parar e gera o prazer de recobrar a serenidade natural. (ONFRAY, 2008, p.192)

Nesse trecho o autor deixa claro que a dor e o sofrimento, são reações naturais de desequilíbrio atômicos que reclamam por falta, o que reitera que os deuses não são responsáveis pelo sofrimento, e desse modo a culpa de merecer tal sofrimento já não faz sentido. É preciso lidar com a dor, pois mesmo algumas estando sobre nosso controle nem todas devem ser evitadas, e as que não estão sob nosso domínio, resta-nos aceitar, “[...] o sofrimento está ali, é preciso conviver com ele. Ou, se podemos nos libertar dele, é antes de mais nada sob condição de aceitar que ele está presente.” (COMTE-SPONVILLE, 2010, p.61.).

O filósofo afirma ser o prazer o princípio e o fim de uma vida, no sentido de que o bom ou mau uso do prazer levam ou não a uma vida feliz, visto que o prazer de que fala Epicuro é sempre acompanhada de uma reflexão filosófica, da importância de se ter o conhecimento de si e de seus desejos. Satisfazer a todos os nossos desejos constitui uma certa dependência, enquanto a meta do filósofo é a autonomia humana, a partir do momento em que sabemos lidar com os nossos desejos, conhecendo a origem deles, somos livres e senhores de nós mesmos.

Um hedonista digno desse nome calcula seus prazeres e não obedece a um desejo por ser desejável tal como é. Consente nele e o encaminha para a satisfação se, e apenas se, a soma dos desprazeres não excede a dos prazeres. O que alegria no momento será recusado se supõe um preço a ser pago em consequência. Todo gozo que põe em perigo a *ataraxia* é declarado não desejável e a ser descartado. A renúncia, a privação estão entre as vias de acesso ao prazer quando essas escolhas permitem conservar a paz da alma, a serenidade do corpo, a harmonia e o equilíbrio obtidos pelo trabalho sobre si mesmo. (ONFRAY, 2008, p.202).

Por meio de uma reflexão e de um conhecimento de si mesmo, Epicuro propõe que se calcule sobre a satisfação ou não dos desejos, porque mesmo o prazer sendo um bem nem todos devem ser escolhidos, de modo que, se após uma reflexão considera-se que é mais prudente

recusar um prazer quando se sabe o peso de sua consequência, ou seja, de que dele pode ocasionar uma dor ou perturbação maiores, o mais sensato é não escolher satisfazê-lo. Da mesma forma, o filósofo deixa claro que é mais válido suportar alguma dor se dela advir um bem maior<sup>16</sup>. Importante ressaltar que para Epicuro “o bom designa tudo o que permite a realização do projeto filosófico, o mau o que o obstrui, retarda ou impossibilita”. (ONFRAY, 2008, p. 192.). As ideias de bom ou mau estão associadas a utilidade do prazer para a paz de espírito e ausência de sofrimento.

A *ataraxía* significa ausência de perturbação, enquanto *aponia* quer dizer ausência de dor. Isto é, paz de espírito e bem-estar do corpo, e é exatamente para manter a paz de espírito e bem-estar do corpo que se deve buscar ou recusar o prazer, mediante o uso da prudência, com cautela, precaução. Da mesma forma que é importante ter conhecimento sobre que alimento faz bem ou não ao corpo, é preciso refletir sobre que prazer deve ser escolhido ou recusado. “Convém, portanto, avaliar todos os prazeres e sofrimentos de acordo com o critério dos benefícios e dos danos.” (EPICURO, 2002, p.38).

A partir disso Epicuro diferencia os tipos de desejos em, naturais e necessários, naturais e não necessários e os não naturais e não necessários. Os naturais e necessários são os primordiais para a sobrevivência, por exemplo, a moradia, a alimentação. Os naturais e não necessários seriam os exageros do primeiro, segundo ele, “não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes e outras iguarias de uma mesa farta que tornam doce uma vida[...]” (EPICURO, 2002, p. 44).

Os alimentos mais simples proporcionam o mesmo prazer que as iguarias mais requintadas, desde que remova a dor provocada pela falta: pão e água produzem o prazer mais profundo quando ingeridos por quem deles necessita. Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte. (EPICURO, 2002, p. 40-43).

Para Epicuro, o mais sensato é se habituar com as coisas simples, pois estas são fáceis de conseguir, isso não significa dizer que não se deve desfrutar dos bons frutos do trabalho, e sim de que não é saudável tornar-se dependentes deles. A questão é não se dedicar em

---

<sup>16</sup> Essa máxima possivelmente pode ser interpretada como fundamento para princípios de guerra, no entanto Spinelli (2009, p.155) deixa claro que: “[...] muitas vezes certas crenças não se impõe como remédio, mas como doença, e como tal, são acatadas pelos indivíduos como solução para situações de desgraça e de ignorância, não para torna-los melhores.”

conquistar coisas desnecessárias que não são úteis para a vida, para que sua eventual perda não traga perturbação, mas que se saiba superara tal perda sem grande sofrimento.

Os desejos não naturais e não necessários referem-se aqueles inventados pelo homem, e que não se revelam úteis, pois sua falta não proporciona dor, são eles a honra, a riqueza, o poder entre outros. E “uma vez realizados voltam idênticos, intactos, exigindo a mesma energia que se não tivessem sido satisfeitos.” (ONFRAY, 2009, p.196). Ou seja, sua falta não resulta em dor, em contrapartida a sua realização acaba por perturbar a alma, pois sempre se deseja mais honra, mais riqueza e mais poder, e isso é contrário a *ataraxía*, portanto contrário a felicidade assim entendida por Epicuro.

Diferente dos demais filósofos, Epicuro só se dedicava a ciência à medida que explicasse e reforçasse sua ideia de *ataraxía*. “Era o homem, em última instância, seu objeto de estudo. [...] o mais relevante, em termo de conhecimento ou ciência era prover no humano a *ataraxía* e com ela fomentar no indivíduo uma sólida confiança interior.” (SPINELLI, 2009, p.124). O filósofo tinha como prioridade a felicidade individual em vez da felicidade de todo o social, era preciso antes de mais nada cuidar primeiramente de si mesmo. Nada que fosse exterior ao homem deveria ser mais importante que a sua paz interior.

Compreende-se, portanto, que a filosofia de Epicuro permanece atual pois fala do que mais anseia a humanidade, muitas coisas mudaram com o decorrer do tempo, mas o tema abordado por esse filósofo fala exatamente daquilo que é comum a todo ser humano, a busca pela felicidade.

Alguns filósofos contemporâneos também se dedicaram a esse tema, em seu livro *A felicidade, desesperadamente*, André Comte-Sponville aborda as concepções de felicidade para Platão e para Schopenhauer<sup>17</sup>. Para o primeiro a felicidade é ter o que se deseja, mas o desejo é entendido como uma falta, e quando temos o que desejamos não há mais falta e por isso não mais o desejamos, logo, não somos felizes. De modo semelhante pensa Schopenhauer quando afirma que “a vida oscila pois, como um pêndulo, da direita para a esquerda, do sofrimento ao tédio.” (SCHOPENHAUER *apud* COMTE-SPONVILLE, 2001, p.35). Ou seja, que a felicidade é uma ilusão que reside entre o sofrimento do desejo e o tédio do desejo satisfeito. Para ambos, a busca pela felicidade está mais ligada ao sofrimento que a própria felicidade, porque nunca é alcançada restando apenas o desejo de senti-la.

Em resposta, Comte-Sponville, afirma que os dois filósofos confundiram desejo com esperança, e conclui que é justamente a espera que causa o sofrimento, ou seja, quando

---

<sup>17</sup> Arthur Schopenhauer, (1788-1860) filósofo alemão. Autor de: *O mundo como vontade de representação, Sobre a vontade na natureza, Sobre a liberdade humana*, entre outros.

esperamos ansiosos por algo, sofremos porque não temos certeza de sua realização, não estar sob nosso controle tal realização.

É que entre a felicidade esperada (“*Como eu seria feliz se...*”) e a felicidade, em outras palavras, entre a esperança e a decepção, entre o sofrimento e o tédio, há uma ou duas pequenas coisas que Platão, [...], Schopenhauer [...] esquecem, ou cuja importância eles subestimam gravemente. Essas duas coisas são o prazer e a alegria. (COMTE-SPONVILLE, 2001.p. 41-42)

A esperança é então caracterizada pelo autor como um desejo pelo qual não temos conhecimento e por isso provoca medo; é um desejo que não depende de nós para ser satisfeito, caso contrário faríamos de imediato e não teríamos porquê esperar; e um desejo que não podemos sentir prazer porque ainda não é. Ou seja, esperar é desejar sem saber, sem poder e sem sentir prazer. Por esse motivo ele declara que quanto mais esperamos pela felicidade mais nos afastamos dela.

Sua proposta é que paremos de idealizar uma felicidade que sempre reside no futuro, o que resulta em uma negação do real. É como se vivêssemos sempre um passo adiante pois desejamos sempre aquilo que não é, que não temos e que não somos. Mas “Não se trata de impedir de esperar: trata-se de aprender a pensar, a querer e a amar.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 87). Há situações em que a esperança inevitavelmente vai estar presente, porém é necessário que aprendamos a amar um pouco mais o que somos, o que temos, desse modo a felicidade não é esperada é apenas sentida, porque de alguma forma quando conseguimos estar plenos com nós mesmos, não esperamos ser outra coisa do que somos agora. “[...]Há prazer, há alegria, quando desejamos o que temos, o que fazemos, o que é: há prazer, há alegria quando desejamos o que não falta.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 42).

Para Robert Misrahi<sup>18</sup>, a felicidade é uma experiência de ser<sup>19</sup> e existir no mundo, quando há prazer em simplesmente ser quem se é e existir, quando há uma concordância consigo mesmo, quando há sentido, “esse prazer existencial e consciente de existir como sujeito e como vida que chamamos de alegria.” (MISRAHI, 2001, p. 32-33).

A felicidade, segundo esse filósofo, está ligada a questão da consciência e da liberdade, ou seja, quando o indivíduo reflete sobre sua vida e busca algum sentido, e “desejar uma vida significativa implica que nossas ações sejam livres e que possamos escolher nossa vida.” (MISRAHI, 2001, p.29). Quando o indivíduo encontra em si razões para ser, torna-se pleno e satisfeito consigo mesmo, com aquilo que é.

<sup>18</sup> Robert Misrahi filósofo francês. Ensina filosofia ética na Universidade de Paris I. especialista em Espinoza. Pesquisa também sobre ética e existência, e é autor de *Tratado da felicidade* e de *Os atos da alegria*.

<sup>19</sup> A experiência de ser “é a consciência qualitativa e refletida de si mesma, consciência vivida em que o indivíduo se apreende como personalidade substancial ativa.” (MISRAHI, 2001, p.31)

A consciência da finitude intensifica essa iniciativa de tornar a vida mais significativa, estar limitado no que se refere ao tempo e em contrapartida ser o único capaz de torná-la bela mesmo que fugaz unicamente pela vontade e pela liberdade, é a experiência de ser, de que fala Robert Misrahi. Porém essa experiência de ser não elimina o trágico da vida, a dor, a angústia, as perdas, são comumente vivenciadas mas não tira do indivíduo a vontade de viver, essa crise é considerada por Robert Misrahi, como o ponto de partida para um novo começo, pois segundo ele, é o próprio indivíduo que determina o limite daquilo que julga intolerável. A reflexão combinada a liberdade faz com que o indivíduo reaja ao sofrimento e se reinvente, que reflita se vale a pena continuar ou se é hora de mudar e dar um novo sentido a sua vida.

Podemos perceber que as instruções de Epicuro se fazem presentes também nas concepções desses dois filósofos. Quando Sponville fala da felicidade desesperadamente, fala da ausência de esperança, e afirma que “a palavra desespero, em sua dureza, em sua luz escura, exprime a dificuldade do caminho” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.66), libertar-se o máximo da concepção de esperança não é fácil, porém é preciso, pois não há esperança sem temor. Sponville sugere que aprendamos a esperar um pouco menos e amar um pouco mais, e tem a mesma intenção de Epicuro quando compreende que o medo, e portanto, que a esperança inquieta a alma e impossibilita a felicidade. E por isso ele compreende que “a felicidade não é um absoluto, é um processo, um movimento, um equilíbrio, só que instável, uma vitória só que frágil, sempre a ser defendida, sempre a ser continuada e recomeçada.” (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.88). Robert Misrahi, também se aproxima de Epicuro, ao apreender a felicidade como uma experiência que exige reflexão e liberdade, e que se realiza interiormente e não o contrário. A proposta epicurista era a *autárkeia* (autossuficiência, independência e regência de si mesmo).<sup>20</sup> A partir de sua canônica e de sua física ele busca provar ao homem que não havia motivo para temer a morte, nem aos deuses, muito menos de acreditar e esperar pela vontade divina, e ainda tinha aversão ao determinismo<sup>21</sup>, se empenhava em ensinar que o cuidado de si era mais importante que qualquer outra coisa.

É possível perceber o quanto a filosofia de Epicuro foi importante e ainda é, ele deu foco àquilo que era essencial e prático, além de ensinar ele viveu sua filosofia, não se limitou aos meros conceitos. Isso quer dizer que pode ser experimentado por qualquer indivíduo mediante o uso da prudência, do conhecimento de si e de seus desejos.

---

<sup>20</sup> Ver mais em SPINELLI, 2009, p. 84.

<sup>21</sup> “Mais vale aceitar o mito dos deuses, do que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito pelo menos nos oferece a esperança do perdão dos deuses através das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.” (EPICURO, 2002 p.49)

A ideia de que a razão era superior ao prazer, fez com que descuidássemos daquilo que é inerente a natureza humana, e resultou no fato de não sabermos lidar com nossos desejos. Epicuro no entanto, não separa corpo e alma, mas tem o mesmo cuidado pelos dois, da mesma forma que não separa a razão e prazer, e sim faz uso da prudência para atingir o equilíbrio entre o todo. “De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria filosofia; é dela que se originam todas as demais virtudes.” (EPICURO, 2002.p. 45). Isso porque a prudência é a virtude do bom senso, que avalia com cautela as escolhas, os prazeres, toda a filosofia de Epicuro está fundamentada na prudência, como já vimos anteriormente ele não exclui a importância da razão muito menos diminui o valor do prazer ou mesmo da dor, mas sabe aproveitar o momento em cada escolha vai levar a realização de sua proposta filosófica, a felicidade. “[...] nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica, predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor a vicissitudes da sorte.” (EPICURO, 2002, p,43).

Se por muito tempo fomos reprimidos e de certa forma coibidos de dar atenção aos nossos prazeres, como respondemos a eles hoje? Como a felicidade é apreendida na pós-modernidade?

### 3 A PÓS-MODERNIDADE E A FUGA DO VAZIO

#### 3.1 Concepções de mundo e ruptura

Há ao longo da história da humanidade diferentes perspectivas de mundo, diferentes tentativas e concepções para explicar o mundo, o homem e tudo aquilo que nos cerca. Nos séculos XVI e XVII o ocidente passou por uma grande e importante transformação, a Revolução Científica, que marca o início de uma nova era, que rompe e fragiliza as explicações e concepções de Deus, do mundo e do homem. Contrariamente ao que haviam pregado as correntes filosóficas antigas e o cristianismo, o *cosmos* e Deus perdem seu lugar de divino.

Os estoicos acreditavam que o mundo era ordenado de forma justa, bela e boa, essa ordenação era denominada de *cosmos*, que quer dizer ordenação lógica. Segundo essa corrente filosófica o *cosmos* fazia justiça a cada um, ou seja, todos recebiam aquilo que mereciam receber<sup>22</sup>. Sobre as catástrofes naturais explicam que “[...]existem também no seio da natureza coisas que pelo menos à primeira vista, parecem feias, até mesmo horríveis. É preciso, no entanto, segundo os estoicos, saber vencer as impressões imediatas e não permanecer na perspectiva comum das pessoas que não refletem.” (FERRY, 2007, p.43). As catástrofes tinham um significado além do que se podia ver à primeira vista, aliás, o *cosmos* era a ordenação lógica, logo não errava. É importante ressaltar que a ligação que os estoicos mantinham com a natureza era bastante harmoniosa, tanto que o *cosmos* servia como um modelo de conduta a ser seguido pelos homens.

O cristianismo, por sua vez, vence a filosofia antiga com a sua promessa de vida eterna, segundo Luc Ferry a filosofia é uma “doutrina da salvação” que busca responder questões da existência humana e do mundo além de amenizar a angústia referente à finitude, essa salvação é buscada através da razão, enquanto que para a religião a salvação é alcançada pelo outro, ou seja, por Cristo. O estoicismo elabora três respostas referentes ao medo da morte, primeiro é que seríamos eternos pela nossa descendência, um pouco de nós existiria mesmo depois de nossa morte em uma outra pessoa da família, um outro modo de nos eternizar seria através de grandes feitos que resistissem ao tempo, ou ainda através da passagem de seres atuantes, de ação para apenas cooperar como o *cosmos*, fazendo ainda parte dele. O cristianismo por outro lado promete a “imortalidade pessoal e a salvação de nossos próximos.” (FERRY, 2007, p. 72).

---

<sup>22</sup> “‘Tudo o que acontece, por justiça acontece’. Tu constatarás isso, se prestares a devida atenção. Não digo somente que acontece de forma ordenada, mas também segundo o justo e inclusive como se alguém atribuísse à parte correspondente segundo o seu mérito.’ (MARCO AURÉLIO, 2011. p.21)

Enquanto para os estoicos o divino, o *cosmos*, era algo superior que ordenava de forma justa e boa toda a natureza, no cristianismo essa ordenação divina (*logos*) se faz na figura de um “homem”, o Cristo. O *logos* é então traduzido para Verbo<sup>23</sup>, e o Verbo é o próprio Cristo: “e o Verbo se fez homem e habitou entre nós” (2 JO: 1,14). Cristo torna-se o centro das ações humanas, pois dele advém a salvação, a vida eterna ainda enquanto pessoas e não como vestígio qualquer, e tudo isso só é possível por meio da fé e da humildade.

Entretanto, “o mundo moderno vai nascer com o desmoronamento da cosmologia antiga e com o nascimento de uma extraordinária reavaliação das autoridades religiosas.” (FERRY, 2007.p.115). A física moderna irá prova que o mundo não é harmonioso como acreditavam os estoicos e sim um verdadeiro caos, além de abalar consideravelmente argumentos defendidos pelo cristianismo.

Ao mesmo tempo aniquilava os princípios das cosmologias antigas- afirmando, por exemplo, que o mundo não é acabado, fechado, hierarquizado e ordenado, mas um caos infinito e desprovido de sentido, um campo de forças e de objetos que se entrecrocavam sem qualquer harmonia - a física moderna também fragilizou consideravelmente os princípios da religião cristã. (FERRY, 2007.p.116-117)

A ciência moderna<sup>24</sup> rompe com a concepção de mundo orgânico<sup>25</sup> que apenas buscava compreender a natureza (sem pretensão de dominá-la), a partir de então o mundo é visto como uma máquina, e que apenas com fórmulas matemáticas poderia ser compreendida. Através de cálculos astronômicos Copérnico afirmava que a Terra não era o centro do universo, e sim apenas mais um entre vários planetas que giravam em torno do sol, “ao dirigir o recém-inventado telescópio para os céus[...] Galileu fez com que a velha cosmologia fosse superada, sem deixar margem para dúvidas e estabeleceu a hipótese de Copérnico como teoria científica válida.” (CAPRA, 2006.p.50). Descartes também compreendia “que a chave para a compreensão do universo era a sua estrutura matemática,” (CAPRA, 2006, p.53) para ele a ciência era tudo aquilo possível de se conhecer sem deixar dúvidas, ou seja, que pudesse ser evidente.

---

<sup>23</sup> “(...) na tradução francesa dos Evangelhos que contam a vida de Jesus, o termo *logos*, diretamente tomados aos estoicos, é traduzido pela palavra ‘verbo’”. (FERRY, 2007, p. 79)

<sup>24</sup> Ferry aponta em seu livro algumas obras que marcaram a era da ciência moderna, são elas :*Sobre a revolução dos Orbes Celestes (1543)* de Copérnico, *Principia Mathematica(1687)* de Newton, *Princípios de Filosofia (1644)* de Descartes e *Dialogo sobre os Dois Principais Sistemas de Mundo (1632)* de Galileu.

<sup>25</sup> “Antes de 1500, a visão do mundo dominante na Europa, assim como na maioria das outras civilizações, era orgânica. As pessoas viviam em comunidades pequenas e coesas, e vivenciavam a natureza em termos de relações orgânicas, caracterizadas pela interdependência dos fenômenos espirituais e matérias e pela subordinação das necessidades individuais às da comunidade. A estrutura científica dessa visão de mundo orgânica assentava em duas autoridades: Aristóteles e a Igreja.” (CAPRA, 2006.49)

A ciência moderna principalmente com influência de Descartes convida a desenvolver um espírito crítico<sup>26</sup>, e vai aos poucos, por meio da razão, revelando limitações nas concepções anteriores. Após essa mudança de pensamento, essa ruptura ou fragilidade nas concepções que até então, assumiam referência de uma época e de gerações, o homem moderno encontra-se desarraigado, uma vez que as percepções que orientavam sua vida foram questionadas e levadas à prova. Dessa forma caberia então “ao homem, pelo esforço de seu pensamento, introduzir sentido e coerência num mundo que parece *a priori* não possuir nenhum, contrariamente ao *cosmos* dos Antigos.” (FERRY,2007, p. 126).

A nova visão do mundo forjada pela ciência moderna não tem quase mais nada a ver com a dos Antigos. Especialmente o universo que Newton nos descreve não é absolutamente um universo de paz e harmonia. Não é mais uma esfera fechada sobre si mesma como uma casa aconchegante onde seria bom viver desde que tivéssemos encontrado nela nosso justo lugar, mas é um mundo de forças e de choques onde os seres não podem mais se situar verdadeiramente, pelo simples e bom motivo de que, desde então, ele é infinito sem limites no espaço e no tempo. *Por conseguinte, você entende que ele não pode mais em coisa alguma servir de modelo para que se pense a moral.* (FERRY, 2007.p.125)

Sem a lógica harmônica do *cosmos* e sem Deus, o homem moderno teve que buscar por conta própria uma referência, e encontrou na razão o motivo de suas ações. “[...] Os modernos vivem em um novo mundo e dependem apenas de si mesmos para descobrir maneiras de pensar e agir.” (KUMAR,2006. p.119). Se o *cosmos* perde seu lugar de divino e se apresenta agora não mais como justo e harmonioso, não poderia pois servir como modelo de conduta para os humanos, e se os fundamentos da religião haviam sido colocados em dúvidas, caberia ao próprio homem inventar um novo modelo ético<sup>27</sup>, modelo esse que se assenta sobre a ideia de mérito e de democracia, diferente do mundo grego que “era basicamente aristocrático, um universo hierarquizado no qual os melhores por natureza deviam, em princípio, estar ‘acima’, enquanto se reserva aos menos bons os níveis inferiores.”(FERRY, 2007.p. 90). Na modernidade há uma espécie de acordo, “compreendendo que *a liberdade de cada um deve, às vezes, terminar onde começa a liberdade do outro.* É apenas dessa limitação voluntária[...] que pode nascer uma relação pacífica e respeitosa entre os homens.” (FERRY, 2007.p. 151.)

---

<sup>26</sup> Para Descartes era preciso desconfiar de tudo aquilo que se impunha como verdade, para ele era o próprio sujeito que deveria chegar a uma conclusão e decidir sozinho o que era verdade ou não.

<sup>27</sup>Para se ter “uma idéia do que essa fundamentação dos valores no homem significa no plano moral, basta pensar na famosa Declaração dos Direitos do Homem, de 1789, que sem dúvida alguma é a imagem exterior mais visível e mais conhecida dessa revolução sem precedente na história das idéias. Ela instala o homem no centro do mundo, enquanto para os gregos era o próprio mundo que era, de longe, essencial. Ela faz dele não apenas o único ser sobre a Terra, verdadeiramente digno de respeito, mas também propõe a igualdade de todos os seres humanos, [...]” (FERRY, 2007.p.126)

Enquanto nas demais perspectivas haviam apenas a contemplação do *cosmos* e de Deus e a vida humana se restringia as regras de ambos, na modernidade, sem esse apoio transcendental o homem não mais contempla e sim age sobre o meio, não é mais uma parte que compõe o todo, e sim um ser que ganha destaque diante da natureza, torna-se digno de respeito e de reconhecimento, torna-se o centro do universo. Ele não mais aceita sem questionar os fenômenos e o que a natureza lhe impõe, pois desenvolveu e aperfeiçoou seu modo de se relacionar, de viver e conviver, inventou, criou e interpretou tudo o que estava a seu alcance, todos os fenômenos podiam ser, a partir de então, explicado cientificamente.

A razão abre novos caminhos para um mundo de paz e justiça, acreditava-se que todos os problemas seriam resolvidos por meio da razão. Esse período de ruptura, de racionalização, de valorização da ciência e do homem, é denominado de moderno<sup>28</sup>. Entretanto, o encantamento e mesmo a vaidade causadas pelo sucesso da ciência e da razão é ameaçada, uma vez que todo esse conhecimento foi responsável, em seu aspecto negativo, para criação de armamento que fora usado nas guerras, o “otimismo, que caracteriza especificamente a filosofia das Luzes e o cientificismo do século XIX, não é mais corrente. Na sequência das catástrofes que o século XX presenciou, a razão perdeu toda a sua dimensão positiva [...]” (LIPOVETSKY, 2004, p.14).

Foi justamente os avanços na ciência que possibilitou o desenvolvimento de sofisticados equipamentos usados na Segunda Guerra, equipamentos cuidadosamente pensados para exterminar em massa, gases tóxicos preenchiam grandes salas e matavam por asfíxia, bombas, tanques de guerras, experiências médicas desumanas eram realizadas em pesquisas científicas em nome de uma ideal de raça pura, trabalho forçado em condições sub-humanas fome, doenças. A razão e a ciência, portanto, não promoveu a paz nem a justiça, mas foi um dos motivos que levaram o homem a crer que eram superiores pela sua racionalidade, o que na verdade mostrou apenas o progresso em sua perversidade, em sua capacidade de criar condições para guerra e não para a paz.

Mais uma ruptura, a crença na ciência e na razão humana como meios de se atingir o progresso e a liberdade não ocorreu como o “planejado”, e o homem se vê novamente sem saber no que mais acreditar. Sem crê no ordenamento lógico do *cosmos*, sem a providência de Deus e agora desiludido com as promessas da ciência.

---

<sup>28</sup> “Percebido como positivista, tecnocêntrico e racionalista, o modernismo universal tem sido identificado com a crença no progresso linear, nas verdades absolutas, no planejamento racional de ordens sociais, ideais, e com a padronização do conhecimento e da produção.” (HARVEY, 2014, p.19)

### 3.2 Narciso e o peso de viver

*Eu começo a sentir a embriaguez a que a vida agitada e tumultuosa me condena. Com tal quantidade de objetos desfilando diante de meus olhos, eu vou ficando aturdido. De todas as coisas que me atraem, nenhuma toca meu coração, embora juntas perturbem meus sentimentos, de modo a fazer que eu me esqueça o que eu sou e qual o meu lugar. (ROUSSEAU Apud BERMAN, 1986, p.17-18)*

Sob um novo signo surge a era pós-moderna<sup>29</sup>, não mais pelo deslumbramento com a ciência, afinal, até mesmo a ciência passa por crise<sup>30</sup>, ela não mais detém a verdade porque não há mais uma única verdade e sim verdades. Vários fenômenos<sup>31</sup> se submetem aos métodos científicos em busca de validação, fenômenos esses que antes não eram considerados objetos de estudos científicos, que na verdade eram contrários à ciência, uma vez que eram entendidos como irracionais e místicos, podemos citar como exemplo a teoria de Freud sobre o inconsciente, “[...]que funciona de acordo com a ‘lógica’ muito diferente daquela da Razão, arrasa com o conceito do sujeito cognoscente e racional[...]do sujeito de Descartes” (HALL, 2015, p.23).

Não há mais crença de que a ciência seja capaz de solucionar todos os problemas da sociedade, ou não há mais no homem esse desejo, uma vez que já não se pensa em um futuro melhor, o que importa agora é o bem-estar e a realização de prazeres imediatos.

A sociedade moderna era conquistadora, acreditava no futuro, na ciência e na técnica. [...] Esse tempo se dissipa diante dos nossos olhos, é em parte contra esses princípios futuristas que se estabelecem as nossas sociedades, por isso pós-modernas, ávidas por uma identidade, por uma diferença, por conservação, por diversão, pela realização pessoal imediata; a confiança e a fé no futuro se dissolvem, ninguém mais acredita nos amanhãs radiosos de revolução e do progresso, atualmente todos querem viver o momento atual, aqui e agora, querem se conservar jovens e não pensam mais em forjar um novo homem.(LIPOVETSKY, 2005, p. XIX)

O que importa é apenas o momento presente e a plena realização do indivíduo, que suas necessidades sejam atendidas, que seus prazeres sejam realizados imediatamente, que possam sentir, experimentar e aproveitar o máximo que a vida tem a oferecer.

<sup>29</sup> A ideia de pós-modernidade é aceita por alguns autores como um modo de pensar a modernidade, enquanto para outros significa uma nova era, e ainda há autores que acreditam que a pós-modernidade sequer existe, para esses últimos ainda vivemos na modernidade.

<sup>30</sup> “A ciência em si parece sujeita à mesma subjetividade e relativismo característicos de todas as narrativas.” (KUMAR, 2006, p. 172)

<sup>31</sup> “[...]A sociedade recém formada também estimulava a investigação séria e sistemática do ‘ocultismo’ - todas aquelas potências místicas, antipositivistas e irracionais da vida e da matéria que agora, conforme se aproximava a virada do século, vinham ocupando a atenção de escritores e pensadores”. (MCFARLANE, 1989.p. 58-59)

Lipovetsky (2004, p.20) afirma ainda que a sociedade pós-moderna alcançou o projeto de autonomia proposto pelo Iluminismo “ao permitir uma libertação dos indivíduos em face do mundo a não mais seguir um caminho preestabelecido pela tradição e assumir uma libertação de ação cada vez mais acentuada”. Isso não significa dizer que não exista mais algum tipo de controle sobre o indivíduo, segundo o filósofo, houve apenas uma troca, ou melhor, uma adaptação nesses mecanismos de controle, que agora surgem mais sutis e aparentemente menos agressivos<sup>32</sup> e se faz por meio da informação.

Que novo tipo de controle rege a sociedade pós-moderna? Para esse autor, o novo controle é o processo de personalização,<sup>33</sup> que rompe com a “fase inaugural das sociedades modernas, democráticas-disciplinares, universalistas- rigorista, ideológicas-coercitivas[...]” (LIPOVETSKY, 2005, p. XVI), e se realiza “com o mínimo de constrangimento e o máximo possível de escolhas privadas, com o mínimo de austeridade e o máximo possível de desejo, com o mínimo de coerção e o máximo possível de compreensão.” (LIPOVETSKY, 2005, p. XVII). Tudo isso para atender as necessidades de um indivíduo cada vez mais individualizado que busca sentir mais, viver intensamente o hoje com o máximo de conforto. Todas as esferas da sociedade, em diferentes ritmos, buscam acompanhar esse processo de personalização e estar sob medida, atendendo as necessidades e tornando-se cada vez mais atrativa aos indivíduos. Essas mudanças proporcionaram também uma maior receptividade à diversidade e a pluralidade, “os valores de tolerância e de respeito ao outro nunca se manifestaram tão intensamente quanto em nossa época, ocasionando uma repulsa generalizada ao emprego gratuito da violência.” (LIPOVETSKY, 2004, p.38). Mas “quanto mais a sociedade apresenta uma imagem tolerante de si mesma na verdade mais o conflito se intensifica e se generaliza: assim, passamos da guerra de classe à ‘guerra de todos contra todos’” (C. LASCH *Apud* LIPOVETSKY, 2005, p.48). Tudo não passa de aparências.

Para Lipovetsky, a sociedade pós-moderna<sup>34</sup> se afasta cada vez mais das instituições sociais, “o saber, o poder, o trabalho, o exército, a família, a igreja, os partidos políticos, etc. já pararam de funcionar globalmente como princípios absolutos e intangíveis; em graus diferentes, ninguém mais acredita neles, ninguém mais investe neles o que quer que seja.” (LIPOVETSKY, 2005, p.18).

---

<sup>32</sup> “Todo ganho em autonomia se faz à custa de nova dependência.” (LIPOVETSKY, 2004, p.21).

<sup>33</sup> A personalização é um “tipo de organização e de controle social que nos liberta da ordem disciplinar-revolucionária –convencional que prevaleceu até o decorrer da década de 1950 [...]”. (LIPOVETSKY, 2005, p. XVI).

<sup>34</sup> “Na realidade, são antes de tudo o consumo de massa e os valores (cultura hedonista e psicologista) os responsáveis pela passagem da modernidade à pós-modernidade, mutação que se pode datar da segunda metade do século XX.” (LIPOVETSKY, 2004, p. 2).

As instituições já não transmitem segurança, nem sentido, há tentativas de engajamento e de conseguir a permanência dos indivíduos em determinadas instituições, porém a indiferença é superior as tentativas e a participação se faz por mera superficialidade. O filósofo cita como exemplo dessa iniciativa, a intenção de manter a atenção das crianças e jovens nas escolas que cada vez mais abre espaço para que os alunos sejam ouvidos, porém, tem como resposta a evasão. Na política também é preciso que se faça sob a forma de entretenimento para conseguir a atenção, ou seja, quanto mais iniciativa de engajar o indivíduo mais a indiferença ganha espaço.

Deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitavam fazer frente às desventuras da existência. À desregulação institucional generalizada correspondem as perturbações do estado de ânimo, a crescente desorganização das personalidades, a multiplicação de distúrbios psicológicos e de discursos queixosos. É a individualização extrema de nossas sociedades o que, tendo enfraquecido as resistências ‘a partir de dentro’, subjaz à espiral dos distúrbios e desequilíbrios subjetivos. (LIPOVETSKY, 2004, p.84)

Segundo o filósofo, foi devido ao abandono das instituições que surgiu o indivíduo narcisista. Ora, a falta de sentido das instituições fez com que o homem voltasse os olhos para si mesmo, para seus desejos, para seu corpo, para seus sentimentos. Em seu livro, Lipovetsky afirma que grande parte de pesquisadores escolheram Narciso<sup>35</sup> como a figura mitológica que caracteriza o indivíduo pós-moderno<sup>36</sup>, um homem obcecado pela própria imagem, individualista, porém o próprio autor afirma que, “Narciso não mais se encontra imobilizado diante de sua imagem fixa, aliás, nem mesmo mais imagem tem e nada mais é do que uma busca interminável de Si mesmo. [...] é o Eu que desta vez se apresenta despido, esvaziado de sua identidade, paradoxalmente por seu hiperinvestimento.” (LIPOVETSKY, 2005, p.37).

Enquanto reina a indiferença pelo social há uma supervalorização do Eu, e isso explica o processo de personalização de que fala Lipovetsky, que busca realizar e garantir o bem-estar e a felicidade de Narciso que torna-se o centro de toda busca. Se adaptando aos novos imperativos que regem o indivíduo narcisista o sistema capitalista<sup>37</sup> responde perfeitamente a

<sup>35</sup>O mito de Narciso conta que, por ele ser tão belo, o oráculo alertou que se ele não visse sua face refletida viveria por muito tempo. Porém, certo dia, passando próximo de lago calmo, Narciso se depara com sua própria imagem refletida no lago e fica encantado e se apaixona por si mesmo, sem saber que a face refletida era sua. Narciso vai aos poucos definhando pois se recusa a se afastar de seu amor não correspondido. Ver mais em: *As 100 melhores histórias da mitologia: deuses, heróis, monstros e guerras da tradição greco-romana*.

<sup>36</sup>“Cada geração gosta de reconhecer e de encontrar sua identidade em uma grande figura mitológica ou lendária, que reinterpreta em função de seus problemas do momento:[...]. Hoje é Narciso que aos olhos de considerável número de pesquisadores, principalmente americanos simboliza os tempos atuais.” (LIPOVETSKY, 2005, p.31.)

<sup>37</sup>“[...]Com a difusão em larga escala de objetos considerados até então de luxo, com a publicidade, a moda, a mídia de massa e, principalmente, o *crédito*, [...] a moral puritana cede lugar aos valores hedonistas encorajando a gastar, a aproveitar a vida, a ceder aos impulsos: a partir da década de 1950 a sociedade americana e até mesmo a

essas novas exigências, o sistema consegue desenvolver novas necessidades pra conseguir a atenção de Narciso, tudo concorre para que ele tenha mais comodidade e possibilidades de escolha, tudo deve estar sob medida para atender os anseios do homem pós-moderno.

Um outro e importante fator que marca o cenário do homem pós-moderno é o discurso *psi*,<sup>38</sup> que é considerado por Lipovetsky como o novo *éthos*.<sup>39</sup> Em busca de conhecer a si mesmo, de superar seus traumas, de se expressar, o indivíduo narcisista recorre a “ioga, psicanálise, expressão corporal, zen, terapia primal, dinâmica de grupo, meditação transcendental”, para se libertar e “poder seguir seu grande destino de autonomia e independência”. (LIPOVETSKY, 2005, p. 35-36).

O maciço investimento em sua vida privada, na busca de uma verdade psicológica não proporcionou nada além de mais perguntas sem respostas, o indivíduo não se reconhece pois perdeu todas as suas referências, segundo o filósofo, as perturbações narcisistas se referem agora ao “sentimento de vazio e de absurdo da vida, de uma incapacidade de sentir as coisas e as pessoas.” (LIPOVETSKY, 2005, p.56). É como se estivesse pairando no ar, sem que nada mais ao redor fizesse o mínimo de sentido, não é por acaso, que como já foi dito anteriormente, o indivíduo narcisista se entrega ao hedonismo desmedido e ao consumismo, como tentativa de sentir algo.

Porém mesmo querendo sentir algo, não está disposto a sentir algo com veracidade, isto é, com todas as suas consequência inclusas, por isso evita um envolvimento pessoal profundo por medo da decepção, a lógica é se manter independente, longe de qualquer sinal de sentimento que venha perturbar sua “paz interior”, ou pra sermos mais preciso, seu vazio. “Quanto mais ele quer viver intensa e livremente, mais se acumulam os sinais do peso de viver.” (LIPOVETSKY, 2004, p.84)

Quanto mais a cidade desenvolve as possibilidades de encontros, mais os indivíduos se sentem sós; quanto mais as relações se tornam livres, emancipadas das antigas restrições, mais rara se torna a possibilidade de conhecer uma relação intensa, por outro lado há solidão, vazio, dificuldade de sentir, de ser transportado para *fora de si mesmo*; daí uma fuga para “experiências”, que apenas traduz a busca de uma “experiência” emocional mais forte. (LIPOVETSKY, 2005.P.57-58)

---

européia se tornam fortemente presas ao culto do consumismo, do ócio e do prazer”. (LIPOVETSKY,2005, p.63-64)

<sup>38</sup>“É a revolução das necessidades e sua ética hedonista que atomizando suavemente os indivíduos e esvaziando aos poucos as finalidades sociais de seu significados profundos, permitiu que o discurso psi se enxertasse no social e se tornasse um novo *éthos* de massa”. (LIPOVETSKY, 2005.p.34-35)

<sup>39</sup> “*ethos* (eta) é a transposição metafórica da significação original com que o vocábulo é empregado na língua usual e que denota morada, covil ou abrigo dos animais[...] A transposição metafórica para o mundo humano dos costumes é extremamente significativa e é fruto de uma intuição profunda sobre a natureza e sobre as condições de nosso agir, ao qual ficam confiadas a edificação e preservação de nossa verdadeira residência no mundo como seres inteligentes e livres[...]” (LIMA VAZ, 1999, p.13.)

Há no homem pós-moderno o medo de tudo aquilo que é natural, a dor, a morte, a velhice<sup>40</sup>, o sentimento pelo outro, e por isso está constantemente fugindo do real, por não saber ou não querer lidar com suas emoções, assuntos que para os antigos era observado de modo natural. O habitual é “neutralizar o mundo pelo poder sonoro, fechar-se em si mesmo, flutuar e sentir no corpo o ritmo dos amplificadores. [...] é preciso identificar-se com a música e esquecer a exterioridade do real” (LIPOVETSKY, 2005, p.55), e o vazio interior. Fugir do medo, das dores e dúvidas, o que chega a ser contrário uma vez que busca ser conhecedor de si mesmo, porém busca constantemente a fuga da realidade.<sup>41</sup>

As experiências que lhe possibilitariam o contato com a vida são constantemente rejeitadas, uma vez que estas parecem ameaçar a sua “tranquilidade”, as vozes interiores como o medo, a dor e a angústia são abafadas por um outro som externo, ao menor sinal delas Narciso se esconde em experiências como o consumo e prazeres desmedidos para neutralizar o grito e apelos da alma, o que leva a concluir que há uma fuga da própria vida porque quer excluir delas emoções que são comuns a todo ser humano.

O filósofo utiliza o termo “zumbi” para caracterizar tamanha apatia do indivíduo pós-moderno diante da sociedade, diante da vida, diante de si mesmo. Até mesmo os prazeres são buscados como um modo de fugir do tédio, narciso não consegue ficar a sós consigo mesmo, está constantemente buscando algo para disfarçar a realidade.

A pós-modernidade é caracteriza então pelo abandono das instituições sociais e de grandes ideais, não há mais causa comum capaz de erguer o homem pós-moderno de seu conforto, porque agora é o consumo e o hedonismo que o acolhe, investe e se ajusta às necessidades do indivíduo que prioriza seu bem-estar físico e psicológico. Mas, “Quanto mais os costumes se liberalizam, mais aumenta a sensação de vazio; quanto mais a comunicação e o diálogo se institucionalizam, mais os indivíduos se sentem sós e mais incapazes de fazer contato; quando mais cresce o bem-estar, mais a depressão triunfa.” (LIPOVETSKY, 2005, p.104). Ou seja, a sociedade pós-moderna funciona de acordo com o seu contrário.

Mesmo com toda atenção voltada para si, o homem pós-moderno se sente só e vazio, essa contradição se faz porque o modo como a sociedade tende a saciar seus desejos e deixá-lo cada vez mais conectado não tocam o que essencial, o que há de mais profundo, o consumo não é capaz de suprir necessidades que são espirituais, o prazer é buscado como fuga. Narciso

---

<sup>40</sup>“Nos sistemas personalizados, então resta apenas durar o máximo possível e divertir-se, aumentar a confiabilidade do corpo, ganhar tempo e ganhar a “corrida” contra o tempo.” (LIPOVETSKY, 2005, p.43)

<sup>41</sup> “Somente quem está preparado para tudo, quem não exclui nada, nem mesmo o mais enigmático, poderá viver sua relação com outrem como algo de vivo e ir até o fundo de sua própria existência.” (RILKE, 1983, p.66-67)

carrega sobre si coisas supérfluas acreditando que elas são a chave de sua felicidade de sua realização. Sem mais no que acreditar, Narciso depositou sua “fê” em coisas que são exteriores a ele e que podem ser compradas, não é mais algo transcendente, enquanto isso a sua essência está submersa e esquecida, os apelos da alma são abafados.

Não pretendemos desvalorizar as conquistas e avanços da ciência, a proposta é apenas que seja possível perceber que envaidecidos pela razão, abandonamos a nossa sensibilidade, é como se a cientificidade tivesse nos robotizado, passamos a descuidar de nós mesmos e a nos dedicarmos em cuidar do que podia ser quantificado e comprovado, e agora não sabemos quem somos, nem lidar com o que sentimos.

Na filosofia epicurista havia também o uso da razão, de um certo grau de objetividade, porém tendo como foco primordial o cuidado de si, tanto do corpo quanto da alma, o que constituía um conhecimento mais profundo de si, para Epicuro todos os demais conhecimentos só seriam úteis à medida em que contribuísse para um viver bem consigo mesmo e consequentemente com o outro e com mundo.

Esse cuidado de si característico da filosofia epicurista é totalmente diferente do cuidado de si exercido pelo sujeito narcisista, o mito conta que Narciso se apaixonou pela sua imagem refletida, e Lipovetsky afirma que nem mesmo uma imagem Narciso tem mais, e por isso mesmo essa ideia de cuidado de si entre o homem pós-moderno e a proposta da filosofia epicurista são tão divergentes.

Dessa forma fica evidente a total inversão de valores <sup>42</sup>, o homem pós-moderno não sabe lidar com o que sente e mais que isso, tem medo de sentir, tem medo da dor, da velhice e da morte, evita a todo custo meditar sobre tais questões, acredita que o consumo e hedonismo desenfreado são sinônimos de felicidade, mas a felicidade não existe no vazio, porque a felicidade enquanto experiência de ser está no próprio indivíduo.

Nossa proposta é resgatar um pouco da filosofia de Epicuro sobre a felicidade, para que ela possa nos direcionar a uma reflexão sobre esse tema pouco discutido e ao mesmo tempo tão almejado.

---

<sup>42</sup>“[...] o indivíduo se mostra cada vez mais aberto e cambiante, fluido e socialmente independente. Mas essa volatilidade significa muito mais a desestabilização do eu do que a afirmação triunfante de um indivíduo que é senhor de si mesmo. Testemunho disso é a maré montante de sintomas psicossomáticos, de distúrbios compulsivos, de depressões, de ansiedades de tentativas de suicídio, para nem falar do crescente sentimento de insuficiência e autodepreciação.” (LIPOVETSKY, 2004, p.83.)

## 4 FELICIDADE COMO META DA FILOSOFIA

### 4.1 Filosofia antiga

A filosofia de Epicuro está inteiramente voltada para o cuidado de si, na carta destinada a Meneceu, o filósofo escreve de maneira simples, como alcançar a paz de espírito através da filosofia. Esse cuidado de si é uma característica marcante não só de sua filosofia, mais de toda a filosofia antiga, mais precisamente a do período helênico. A filosofia helênica se dedicava às questões éticas, isto é, regras práticas que pudessem auxiliar o homem na arte de viver, isso porque, com a conquista de Alexandre que impõe seu domínio sobre os gregos e retira deles sua atividade cívica, acaba com a ideia de felicidade de todo um povo, com isso a filosofia antiga busca dar um novo sentido para os indivíduos que se veem agora desorientados, ou seja, ela busca ensinar o homem a viver diante de uma total perda de referência e encontrar a felicidade em si mesmo, e não mais na cidade. Entre as escolas desse período e com essa perspectiva de uma prática do bem viver podemos citar além do epicurismo, o estoicismo, cinismo e o ceticismo.

Sócrates já enfatizava em seus discursos o *conhece-te a ti mesmo*<sup>43</sup>, esse é o primeiro passo para formação, só a partir desse preceito é possível identificar seus medos e paixões e a partir daí encontrar maneiras de lidar com eles, não deixando ser dominado por ambos. “Em todas as escolas serão praticados exercícios destinados a assegurar o progresso espiritual na direção do estado ideal da sabedoria, exercício da razão que serão para alma análogos ao treinamento de um atleta ou às práticas de um tratamento médico.” (HADOT, 2012, p.23). A filosofia de Sócrates assim como o epicurismo, estoicismo, ceticismo e cinismo tinham, sobre diferentes pontos de vista, a felicidade como objetivo. Em todas elas haviam uma prática de exercícios e reflexões sobre questões fundamentais da vida humana, a morte, a vida, o medo, o amor, o sofrimento, era portanto uma “terapêutica das paixões.”

Essas escolas organizavam cada uma a seu modo regras que pudessem ser praticadas cotidianamente com o intuito de formar homens, formar para a vida. O objetivo das escolas era que os homens aprendessem a viver, esse era o objetivo essencial da filosofia, é nesse sentido que Comte-Sponville (2001, p.5) afirma que a filosofia dos antigos, faz com que a filosofia seja “etimológica e conceitualmente, o amor à sabedoria, a busca da sabedoria, sabedoria que se

---

<sup>43</sup> “A missão de Sócrates consiste em convidar seus contemporâneos a examinar a consciência, a cuidar do progressos interior.” (HADOT, 2014, p.37)

reconhece de fato, para quem a atinge e segundo a quase totalidade dos autores, por uma certa qualidade de felicidade.”

Ao compreender que as principais causas de sofrimento humano tinham origem nos “desejos desordenados e medos exagerados” (HADOT, 2014, p.22), a filosofia helênica parte para tratar essas paixões, para ensinar o homem a lidar com os desejos e medos, a filosofia é, portanto, “uma prática, uma atividade, um trabalho sobre si mesmo.” (HADOT, 2014, p.8).

Para Ferry essa filosofia se trata de uma doutrina da salvação, que busca se libertar ou amenizar os medos e angústias comuns ao homem finito, e a salvação por meio da filosofia difere das religiões porque não depende de um outro (Deus), apenas de si mesmo, “por nossas forças e em virtude apenas de nossa razão.” (FERRY, 2007, p.23.). A filosofia antiga tinha como objetivo o “aprender a viver, aprender a não mais temer em vão as diferentes faces da morte, ou, simplesmente, a superar a banalidade da vida cotidiana, o tédio, o tempo que passa[...]” (FERRY, 2007.p.16.).

A filosofia antiga se estendia para além do discurso e se fazia prática na vida cotidiana, através de exercícios que deveriam ser adotados pelos indivíduos e praticados nas mais simples atividades até se tornarem hábitos. Era, portanto, uma escolha, uma mudança de pensamento e conseqüentemente de comportamento, uma conversão.

Para a filosofia estoica a felicidade seria atingida segundo a prática de alguns exercícios, como a atenção e o autocontrole, ou seja, uma vigilância constante sobre si mesmo, sobre seus desejos, sobre o momento presente, desse modo o indivíduo saberia exatamente como se comportar diante de qualquer situação por estar em constante vigilância. Para manter a tranquilidade da alma era importante saber discernir o que estava sob o domínio da natureza e o que estava sob o domínio humano, ser indiferente a tudo aquilo que dependesse de causas exteriores e desejar e se dedicar apenas às coisas que dependessem de si próprio. É preferível manter a atenção apenas àquilo que está sob o próprio domínio, e aceitar as coisas externas, caso contrário, a angústia e decepção estarão sempre presentes, pois é impossível mudar as coisas que estão fora de seu campo de ação. Os estoicos que compreendiam o *cosmos* como divino pretendiam viver em harmonia com a natureza e aceitar as coisas a medida em que elas aconteciam, afinal essa era a ordem lógica e justa para eles.

O cinismo é uma filosofia que pregava uma vida muito simples, longe das convenções sociais, para eles a felicidade consiste em viver em conformidade com a natureza. Diógenes é o principal nome dessa corrente, para ele assim como os animais viviam de acordo com a sua natureza os homens também deveriam viver longe de imposições sociais e coisas supérfluas.

O ceticismo, comumente associado a Pirro de Élis (360-270 a.C.), é uma escola filosófica que não arrisca afirmar a verdade sobre as coisas, a ideia fundamental dessa escola está na suspensão do juiz, isto é, de não afirmar se algo é falso ou verdadeiro. Para os cétricos não dispomos de meios para assegurar a natureza das coisas, afirmar a veracidade ou não de algo é estar propenso ao erro, então para manter a paz de espírito era necessário evitar um posicionamento sobre as coisas.

É notável identificar um elemento comum nessas correntes, em todas elas a filosofia tinha como meta a felicidade, e é nesse sentido a “filosofia aparece então em seu aspecto original” (HADOT, 2002,64). Bem diferente da filosofia antiga, a filosofia atual abandonou esse cuidado em formar os homens para a vida, cada vez mais abstrata e sistematizada ela rompe com sua essência e se mantém meramente discursiva, traço herdado do papel secundário que exerceu na construção de uma filosofia cristã. Poucos são os filósofos que se dedicam não apenas sobre a temática da felicidade mas com os demais aspectos existenciais que constituem a vida humana.

[...] é incontestavelmente com o cristianismo que a ruptura se instaura, e que a filosofia deixa de chamar seu discípulo para participar da prática dos exercícios de sabedoria que constituíam o essencial das escolas gregas. [...] Ainda hoje parece óbvio que a filosofia deve, ao mesmo tempo, partir e falar de uma realidade exterior a ela: é a filosofia das ciências, do direito, da linguagem, da política, da arte, da moral etc., mas quase nunca, sob pena de parecer ridícula ou dogmática, amor à sabedoria. Com raras exceções, a filosofia contemporânea, embora não seja cristã assume sem desconfiar, o estatuto servil e secundário a que a submeteu a vitória do cristianismo sobre o pensamento grego. (FERRY, 2007, p.89).

A teologia tomou consciência de sua autonomia como ciência suprema, e a filosofia, esvaziada dos exercícios espirituais que desde então passaram a fazer parte da mística e da moral cristãs, foi reduzida ao posto de “serva da teologia”, fornecendo material conceitual, portanto puramente teórico. (HADOT, 2014, p.65)

Com a vitória do cristianismo, a filosofia que antes se mantinha como um exercício prático e espiritual, vai aos poucos perdendo seu lugar e se torna apenas um instrumento “nas mãos” do cristianismo, que por sua vez, não só faz uso da filosofia para melhor compreensão das escrituras, como também adota o estilo dos discursos e mesmo os exercícios<sup>44</sup> que lhe são característicos.

---

<sup>44</sup> Houve a “introdução no cristianismo dos exercícios espirituais da filosofia. Com esses exercícios espirituais se introduziu também, no cristianismo, um certo estilo de vida, uma certa atitude espiritual, uma certa tonalidade espiritual que originalmente não se encontrava nele. O fato é muito significativo: ele mostra que, se o cristianismo podia ser assimilado a uma filosofia, é precisamente porque a filosofia já era ela mesma, antes de tudo, um modo de ser, um estilo de vida.” (HADOT, 2014, p, 72).

## 4.2 Torna-te o que tu és

Epicuro inicia sua carta alertando sobre a importância da filosofia e sugere que nunca é tarde para se dedicar a ela, “Porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que já passou é como se dissesse que ainda não chegou, ou que já passou a hora de ser feliz”. (EPICURO, 2002, p.21). Tanto o velho quanto o jovem podem, através da filosofia, aprender a olhar a vida com mais prazer e gratidão e sem medo. Que o velho possa se sentir rejuvenescer com as recordações passadas, e que o jovem se liberte do medo do futuro, das coisas que estão por vir.

Se a filosofia é um meio pelo qual é possível alcançar a felicidade, é importante que o homem se dedique a conhecê-la e praticá-la o quanto antes, uma vez que não se sabe o dia da própria morte é preciso aprender a apreciar a vida independente da idade, porque nunca é tarde para ser feliz, para aprender a ser feliz, “deve o homem filosofar agora, para ser feliz sem delonga.” (ULLMANN, 2010, p.19).

Para o filósofo, assim como a medicina só é útil à medida em que elimina a doença do corpo, a filosofia só interessa se cura a doença da alma, e a saúde da alma em Epicuro significa também a saúde do corpo. Sendo assim, ele propõe o *tetrapharmakon*, o quádruplo remédio, que são breves instruções para libertar o indivíduo do medo dos deuses, da morte, e de como lidar com as dores e com os prazeres, o filósofo não separa alma e corpo, mas tem o mesmo cuidado com ambos.

Para Epicuro esse cuidado da alma e do corpo não poderia excluir de forma alguma o prazer que é uma condição da natureza humana, não há como ser pleno e feliz negando a si mesmo, negando o que é comum e natural a todo ser humano.

Se impulsões e desejos são de nossa natureza, se é por tais *páthos*, que ela nos move se por eles nos empurra visando a satisfação e ao prazer, então não haveria outro modo de humanamente nos realizarmos senão nos colocando nesse fluxo. Não seria, pois, tarefa específica de nós humanos forjar móveis excepcionais que não temos, vestirmos de uma natureza admirável que não é a nossa, [...]. (SPINELLI, 2009.p.11)

Para a filosofia epicureia é preciso antes de qualquer coisa reconhecer nossa natureza e não tentar se esquivar do que é natural em nós, simular ser outra coisa, outra pessoa, é negar a si próprio e romper consigo mesmo certamente não é o melhor caminho para a felicidade. Apenas conhecendo e assumindo o que de fato somos e sentimos é que podemos ser realmente plenos.

Segundo Hadot, (2014, p.35) “para os epicuristas o prazer é o exercício espiritual”. É um exercício porque Epicuro desenvolve a dietética dos desejos, ou seja, uma educação dos prazeres. É relevante ressaltar que uma das causas de desordem e sofrimento humano apontadas anteriormente são os desejos desordenados e medos exagerados, é justamente sobre esses dois aspectos que tratam a *ataraxia*, (ausência de perturbação, que geralmente são provocadas pelo medo) de que fala Epicuro.<sup>45</sup> O filósofo divide os desejos entre os que são naturais e necessários, (que garantem a sobrevivência como o alimento, o abrigo) os naturais e não necessários, (que seria os exageros do primeiro, o requinte) e os não naturais e não necessários (se referem às criações humanas, como o dinheiro, o poder, a honra). Para ele os desejos que são naturais e necessários são fáceis de conseguir, porque a natureza nos fornece o necessário para se viver de modo prazeroso.<sup>46</sup>

Consideramos ainda a autossuficiência um grande bem; não que devamos nos satisfazer com pouco, mas para nos contentarmos com esse pouco caso não tenhamos o muito, honestamente convencidos de que desfrutam melhor a abundância os que menos dependem dela; tudo o que é natural é fácil de conseguir; difícil é tudo o que é inútil.

[...] Habituar-se às coisas simples, a um modo de vida não luxuoso, portanto, não só é conveniente para saúde, como ainda proporciona ao homem os meios para enfrentar corajosamente as adversidades da vida: nos períodos em que conseguimos levar uma existência rica predispõe o nosso ânimo para melhor aproveitá-la, e nos prepara para enfrentar sem temor as vicissitudes da sorte. (EPICURO, 2002, p.41-43).

Epicuro pretende que o indivíduo desenvolva o máximo de sua liberdade e independência, por esse motivo ele afirma que é mais prudente se contentar com o pouco e com o simples porque estes a natureza nos concede com facilidade, aquele que desenvolve sua autossuficiência não se torna dependente daquilo que é difícil de conseguir, mas sabe aproveitar esse momento enquanto o possui sem que a perda acarrete a ele grande danos ou perturbações. É, portanto, senhor de si aquele que compreende que sua felicidade não está nas coisas, mas em si mesmo.

Ao comparar essa visão de autonomia e satisfação em torno do que é simples e necessário com a pós-modernidade, nos deparamos com um completa inversão de valores, isto porque cada vez mais o mercado<sup>47</sup> investe em novas “necessidades” que anunciam e garantem felicidade, e na tentativa de “sentir” e de se “realizar” o indivíduo pós-moderno se dedica a

<sup>45</sup> Já mencionado no primeiro capítulo. p.12

<sup>46</sup> “A Natureza nos dotou da capacidade de cuidar de nós mesmos como se fôssemos verdadeiros deuses gerenciadores da nossa própria vida.” (SPINELLI, 2009, p.84.)

<sup>47</sup> “O sistema cria meios para que o indivíduo viva outra realidade e outras vidas que não a sua.” (SPINELLI, 2009, p.96.)

comprar essa felicidade, o que o torna depende de coisas supérfluas, como se algo exterior pudesse preencher um vazio que reside na alma.

Essa busca do prazer pelo prazer que não passa de uma fuga da realidade e do vazio interior, que consiste apenas em uma maneira de sentir alguma coisa, qualquer coisa<sup>48</sup>, não resulta em nada porque aquele que toma o prazer pelo prazer, “tem sempre como finalidade (resultado) o desgosto e a dor”(SPINELLI, 2009, p.140), o que se distancia completamente da ética hedonista epicurista porque o prazer em Epicuro é acompanhado de um exercício do pensamento, é um “prazer intelectual da contemplação da natureza” (HADOT, 2014, p.35), é o simples prazer de ser e estar no mundo e não uma fuga dele.

Em Epicuro, o prazer “transforma-se em uma experiência existencial, deixa de ser um ou mais *instantes*, mera procura, para se transformar numa situação ou num prazer *estabelecido* como condição existencial de fato.” (SPINELLI, 2009, p.139). Dotado de reflexão, não é simples impulso que deve ser imediatamente realizado, isto porque é acompanhado pela virtude da prudência, que para Epicuro é mais importante que a própria filosofia, é pela virtude, pela ponderação e conhecimento sobre os desejos que o indivíduo tornar-se senhor de si, uma vez que mede e sabe exatamente o que conduz suas escolhas, e por isso torna-se pleno naquilo que escolheu, ou naquilo que recusou. Para o filósofo “o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz[...]”. (EPICURO, 2002, p.35). O exercício do pensamento equilibra e calcula o que deve ser escolhido e o que deve ser recusado, desse modo os prazeres são vividos sabiamente, ou pelo menos, conscientemente, o que reflete um conhecimento sobre si mesmo e sobre seus desejos, isto é, não busca realizar todos os desejos só porque deseja, como se fosse escravo dos próprios desejos. Lucrécio<sup>49</sup> expressou exatamente como a falta desse conhecimento dos desejos resulta em uma fuga de si mesmo sem possibilidade de se libertar, e que retrata a situação do homem pós-moderno.

Assim como os homens são capazes de perceber uma sensação de peso que reside na alma e os fadiga, se conseguissem saber a causa de onde provém, e por tanto mal e tão incomodo persiste no peito, jamais levariam a atual vida que levam. Muitos sem saber o que querem, procuram sempre mudar de lugar como se pudessem se desfazer de seus fardos. [...] É assim que cada um foge de si mesmo mas é claro que de si jamais consegue escapar: em si, como que à força, está atado, e se odeia, porque, doente, desconhece a causa de sua enfermidade. (LUCRÉCIO *apud* SPINELLI, 2009, p.235-236).

<sup>48</sup> “Quem vive sem prazer ou gosto de viver vive magoado, infeliz e insatisfeito; a vida se transforma em pesado fardo: leva o indivíduo a procurar e a se envolver com umas quantas coisas apenas para suprir sua insatisfação.” (SPINELLI, 2009.p.95)

<sup>49</sup> Tito Lucrécio (94-50 a.C) foi um poeta latino, autor de *De Rerum Natura* (Da Natureza das Coisas), discípulo de Epicuro.

A busca do prazer pelo prazer resulta simplesmente numa fuga da realidade, numa fuga do vazio que perpassa o ser e que busca a qualquer custo algum refúgio, entretanto, esse refúgio não acolhe porque não há nenhum real esforço de compreensão do que se sente nem conhecimento do que esse vazio reclama. Lipovetsky (2004, p.79) afirma que “o que nutre a escala consumista é indubitavelmente tanto a angústia existencial quanto o prazer associado às mudanças, o desejo de intensificar e reintensificar o cotidiano.” Não é por acaso que os números de problemas psicológicos só aumentam, o homem torna-se escravo do desejo para fugir do tédio e da dor como se isso fosse o suficiente para curá-lo, mas retorna igualmente perturbado. Excluindo experiências que levam a uma maior compreensão de si mesmo, exclui também a paz, a tranquilidade, o prazer de ser e estar no mundo, pois eles são decorrentes desse trabalho solitário de autoconhecimento.

É preciso, portanto, aprender e buscar “estar feliz e em paz na prisão de si, sem escapes ou fugas que o levassem para outro lugar que não em direção (do dentro) de si próprio”. (SPINELLI, 2009, p,236). E isso exige solidão, um contato profundo consigo mesmo, que resulta em um pouco mais de conhecimento sobre si, sobre suas emoções e sofrimentos, e a felicidade enquanto identidade, enquanto experiência de ser<sup>50</sup> reside também na solidão, “A felicidade então consiste na independência, na liberdade, na autonomia, isto é, no retorno ao essencial, ao que é verdadeiramente ‘nós mesmos’ e ao que depende de nós”. (HADOT,2014, p,57). E por isso apenas em nós mesmos encontramos uma resposta, é na solidão<sup>51</sup> de estar consigo mesmo que se torna possível reconhecer o que pesa na alma e atravessa o próprio corpo, Rilke (1983, p.43) afirma que “a sua solidão há de dar-lhe, mesmo entre condições muito hostis, amparo e lar, e partindo dela encontrará todos os caminhos.”

A solidão trará respostas porque apenas o próprio indivíduo pode chegar no mais profundo de si, sem nenhum disfarce, com todos os seus traumas, lembranças e vivências, nenhuma outra pessoa pode conhecer e ir tão fundo, tão intimamente senão ele próprio. É nesse sentido que Comte-Sponville (2001, p.30) afirma que “ninguém pode viver em nosso lugar, nem morrer em nosso lugar, nem sofrer ou amar em nosso lugar.”, logo ninguém pode conhecer tão bem nossas dores e alegrias quanto nós mesmos, ninguém pode ser responsável pela nossa felicidade senão nós mesmos.

---

<sup>50</sup> Para Robert Misrahi a felicidade é uma experiência de ser e existir no mundo, quando há prazer consciente em simplesmente ser quem se é e existir, quando há concordância consigo mesmo, quando há sentido.

<sup>51</sup> Não é a ideia pessimista da *dor* de viver (em que se põe maior peso nos fardos e na solidão do ato de existir) que cativa Epicuro, e sim o pressuposto de que é prazeroso viver: que a solidão de existir pode tranquilamente coincidir com a satisfação ou gosto pela vida. (SPINELLI, 2009, p.126)

Somos parte de um todo, e por isso na natureza encontramos o que essencial para uma vida simples e feliz. Nada é necessário ser acrescentado quando em nós encontramos o motivo de nossa felicidade, somos menores e constantemente atormentados quando presos à ideia de que a felicidade depende de simples fatores externos; a felicidade não é um lugar nem necessariamente um caminho, é uma maneira de ser, uma experiência de ser que deve ser cuidada, exercitada. Entender isso é compreender como a própria natureza nos ensina desde a mínima dor que sentimos que é possível ler através dela uma resposta que irá nos conduzir, além de um conhecimento, a um refúgio, ao que é necessário, a nós mesmos. É sobre a experiência desse conhecimento tão característico da filosofia antiga, que fala Hadot (2014, p.66): “há velhas verdades das quais as gerações humanas não chegam a esgotar o sentido: não que elas sejam difíceis de compreender, elas são, ao contrário extremamente simples, frequentemente até chegam a parecer banais; mas, precisamente, para compreender é preciso vivê-las.”

“O epicurismo é uma filosofia da busca de si mesmo, na interioridade, na experiência mais íntima do ser,” (ULLMANN, 2010, p.45) na pós-modernidade há um hiperinvestimento, uma supervalorização do indivíduo, ou seja, ambas tem o mesmo objetivo, o cuidado de si, mas a diferença reside na maneira como esse cuidado é praticado, o que altera também no resultado.

A filosofia de Epicuro convida a um autoconhecimento que exige solidão, que exige um contato profundo consigo mesmo, o homem pós-moderno simplesmente não consegue essa intimidade, não conhece a si mesmo. Embora busque uma libertação recorrendo ao discurso *psi*, que na verdade não altera nesse autoconhecimento, porque no fundo tem medo de se descobrir, tem medo de estar frente a frente com seus medos e “quanto mais investe no Eu, quanto mais se faz dele objeto de atenção e de interpretação, mais aumenta a incerteza e a interrogação” (LIPOVETSKY, 2005, p. 37).

Mesmo sendo, a filosofia de Epicuro, um exercício do prazer, ele assegura que “todo prazer constitui um bem por sua própria natureza; não obstante isso, nem todos devem ser escolhidos; do mesmo modo, toda dor é um mal, mas nem todas devem ser evitadas.” (EPICURO,2002. p.39). O filósofo não nega o real, compreende a dor e o sofrimento como aspectos naturais da vida, que ou são intensos e duram pouco, ou são leves e por isso suportáveis.

O que pretendemos resgatar aqui é a ideia de que na filosofia epicurista não há uma fuga completa da dor, aliás existem dores que sequer podem ser evitadas e outras que são preferíveis quando delas resultam um bem maior. “Há ocasiões em que utilizamos um bem como se fosse um mal e, ao contrário, um mal como se fosse um bem.” (EPICURO,2002. p.

39.). Essa questão da dor que chega a ser preferível é exposta pelo poeta Rilke: “Porque deseja excluir de sua vida toda e qualquer inquietação, dor e melancolia, quando não sabe como tais circunstâncias trabalham no seu aperfeiçoamento?” (RILKE, 1983, p.68.). É a partir da dor e do sofrimento que mais se cresce e se aprende sobre a vida, é quando se está mais propenso a desenvolver o melhor e mais humano que há no indivíduo, é na fraqueza que se encontra força, que se encontra beleza, assim como é apenas através do conhecimento da finitude que se aprende a valorizar e apreciar a vida.

O filósofo Comte-Sponville (2001, p. 60) acredita que a filosofia “só serve na medida em que aproxima a vida da verdade[...] Mas ela aproxima tanto mais quanto mais vai direto a sua ferida, em vez de como quase sempre, ficar dando voltas em torno dela ou tentando dissimula-la.” Da mesma forma Epicuro fala que a filosofia só serve a medida em que contribui para curar a ferida da alma, e não há outra maneira de curar uma doença se não buscar a sua origem, é preciso ir direto na dor humana, no medo, nas angústias<sup>52</sup>.

O homem pós-moderno até tenta esse conhecimento, como já foi dito anteriormente, ele recorre ao discurso *psi*, mas por outro lado ele vive em constante fuga do real, se esquivava de tudo aquilo que se aproxima de seus medos<sup>53</sup>. Evita-se pensar na morte enquanto no epicurismo a ideia da morte é importante para dedicar à vida toda sua importância, compreendendo a finitude e transformando esse espaço de tempo na mais bela duração. A consciência da finitude desperta o homem para dar o devido valor a vida, fazer com que essa duração seja prazerosa e gratificante, tanto que a morte já não assusta, não simplesmente porque ela é a privação do sentidos, e sim porque quem vive bem morre bem, porque sabe desfrutar bem de sua finitude e por isso não precisa da eternidade para ser feliz, porque a felicidade é uma experiência de ser e estar no mundo agora.

A velhice que revela os sinais do tempo, que anuncia a proximidade do fim amedrontam o homem pós-moderno que inicia uma maratona para se manter jovem. O cuidado do corpo é buscado apenas pelo âmbito estético e para esconder as marcas do tempo, o que vem a ser novamente uma prática desassociada de um conhecimento, de uma reflexão. Há atualmente inúmeros discurso acerca da importância do cuidado do corpo e da mente e da

---

<sup>52</sup> “A tarefa da filosofia é responder ao apelo da alma. É procurar compreender o sentido de nossas dores e medos e, assim, nos libertar de tal influencia.” (EPICTETO, 2000, p. 118.)

<sup>53</sup> Temos que aceitar a nossa existência em toda a plenitude possível; tudo, inclusive o inaudito, deve ficar possível dentro dela. No fundo, só essa coragem nos é exigida: a de sermos corajosos em face do estranho, do maravilhoso e do inexplicável que se nos pode defrontar. Por se terem os homens revelado covardes neste sentido, foi a vida prejudicada imensamente. As experiências a que se dá o nome de “aparecimentos”, todo o pretense mundo “sobrenatural”, a morte, todas essas coisas tão próximas de nós têm sido tão excluídas da vida, por uma defensiva cotidiana, que os sentidos com os quais as poderíamos aferrar se atrofiam. (RILKE, 1983, p.66)

aceitação de si, que se assemelham muito mais a uma reprodução de discurso, do que uma realidade interior, é superficial porque precisa ser exposta o tempo todo, tem que ser constantemente reafirmada não apenas pra si, mais para o outro<sup>54</sup>. Os exercícios e as plásticas por exemplo não eliminam o medo da velhice e do fim, se tratam mais uma vez de máscaras, um corpo que parece bem e saudável mais que não consegue se ver no espelho como realmente é, na mente e na alma isso não foi tratado.

Esse cuidado de si, que é também anunciado e comprado, é em alguns casos incitado por algo exterior<sup>55</sup> e também mantido por algo exterior ou é meramente estético, bem diferente da ideia proposta pela filosofia epicurista, porque:

Fazer filosofia correspondia a promover em si mesmo uma transformação, mas não em sentido necessariamente valorativo, para melhor ou para pior; mudar correspondia a ser o que se é, ou seja, a ser a si mesmo, para o que se fazia necessário se auto-conhecer em sua própria natureza e/ou em sua própria realidade. [...] O conhecer-se a si mesmo se impõe e se irrompe em si e a partir de si, não vem de fora[...]. (SPINELLI, 2009.p.86)

Conhecer, aceitar a natureza do ser, tudo isso deve vir de dentro e deve ser sincero, é um trabalho consigo mesmo que nenhuma outra pessoa pode fazer, “não há *salvação*, em sentido pleno, que venha de fora, isso é pura ilusão.” (SPINELLI, 2009.p.204).

O cuidado de si pós-moderno foi buscado quando as instituições já não transmitiam mais segurança e amparo, quando não faziam mais sentido, assim como na época de Epicuro quando houve uma perda de referência que mantinha a felicidade do indivíduo, felicidade esta exclusivamente ligada ao sucesso da *polis*, e essa perda de referência se transformou em um grande caos, “o cidadão grego passou a viver completamente desorientado”(SPINELLI,2009.p.94) , entretanto a perda de referência na pós-modernidade não é vista como problema, Lipovetsky afirma que é sim possível hoje viver sem finalidades ou sentido, logo esses cuidados não tem caráter de uma real busca de si mesmo, narciso não tem mais imagem, o caos e o vazio não o assusta, mas o fragiliza e o consome por dentro, “o indivíduo narcísico é apesar de tudo, inclinado à angústia e à ansiedade.(LIPOVETSKY, 2005, p.89)

Ao nos depararmos com tamanho vazio e apatia do homem pós-moderno que se entrega a prazeres de modo totalmente desmedido e que não sabe lidar com suas consequências,

<sup>54</sup> “Todo mundo é incitado a ligar para a central telefônica, quer contar algo a partir de sua experiência íntima, ou pode se tornar um locutor e ser ouvido.” (LIPOVETSKY, 2005.p.XXIII). Hoje as redes sociais ocuparam esse lugar em que há a livre liberdade de expressão.

<sup>55</sup> “De qualquer maneira, a autenticidade deve corresponder ao que esperamos dela, às regras da autenticidade: uma manifestação exuberante demais e um discurso teatral demais não têm o efeito da sinceridade[...].” (LIPOVETSKY, 2005, p.47)

que se encontra só e não suporta a solidão, que quer sentir alguma coisa mas ao mesmo tempo tem medo de suas emoções e por isso prefere experiências rápidas para evitar um envolvimento profundo, que tem medo dos efeitos do tempo e se dedica a lutar contra ele, entre outros fatores nos encontramos em um período de decadência que, de tão naturalizado, sequer assusta, mas uma sociedade *psi* é uma sociedade doente.

Enquanto isso a filosofia epicurista nos convida a um aprimoramento do ser, que através de algumas práticas cotidianas e exercícios interiores nos proporciona uma vida realmente prazerosa e com sentido, que não nega o real nem a si mesmo, que propõe independência. Porque a felicidade é interior, é experiência de ser e a maneira como nos relacionamos com o que é exterior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao comparar a ideia de felicidade em Epicuro com a pós-modernidade podemos perceber que o indivíduo pós-moderno se encontra em um verdadeiro caos interior que não remete ao trágico, porque está apático diante da vida, diante de si. O progresso científico contribuiu de uma maneira singular na vida humana, porém, houve no meio de toda essa revolução um descuido com as coisas que são essenciais a todo ser humano, o cuidado interior que era bastante praticado pelas filosofias antigas. Por muito tempo o homem teve de reprimir seus desejos e mesmo seus medos, e por isso, agora “libertos” não sabem lidar com eles, evoluímos em vários aspectos e estacionamos no conhecimento sobre nós mesmos. Nos perdemos nesse emaranhado de discursos bem feitos, de inventos, de tecnologia e nos desligamos de nosso Eu e de nossa felicidade, acreditando que coisas exteriores seriam suficiente para preencher necessidades que são espirituais, que necessitam de tempo e de cuidado. Em consequência disso nos deparamos com uma sociedade doente, com pessoas fragilizadas, que se esquivam do tempo, da dor, do amor e de si mesmo por medo de parecer vulnerável a um sentimento quando na verdade já são escravas do prazer, do consumo, e que o buscam para silenciar os apelos do espírito. Sem respostas sentem o “peso do viver”, quando poderiam sentir o prazer em viver, o prazer de ser.

Retornamos a Epicuro para compreender, não só as diferentes perspectivas de felicidade entre sua corrente filosófica com a percepção da mesma pela pós-modernidade, mas de refletir quão importante é retornar à questões que fundamentaram diversas escolas do período helênico, o papel que elas tinham de auxiliar o homem para um saber viver. Mesmo com o investimento de Narciso sobre si mesmo, mesmo com o sistema capitalista que está sempre atento em promover uma nova solução para um nova necessidade e com os avanços da tecnologia que parecem lhe oferecer tudo em informação e comunicação, o homem pós-moderno se sente só, vazio e vulnerável, toda essa atenção e investimento não dão conta da imensidão e do mistério que é o ser humano porque foge do que lhe é essencial.

Epicuro afirma que a realização humana se dá pelo prazer, e lutar contra isso seria omitir sua própria natureza, quando evitamos olhar pra o que é natural em nós dissimulamos o que somos, isso ocorre quando tentamos fugir do que sentimos sem nem uma tentativa de compreensão, e é nisso que se esconde o essencial, é dentro de si que se esconde os mistérios. Por esse motivo propomos essa comparação para ressaltar a importância do pensamento antigo, para acordar nosso Eu adormecido e sufocado a tanto tempo, que acredita ter conquistado a liberdade e a felicidade, só que continua prisioneiro de uma ideia muito rasa de felicidade e de vida.

## REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna.** [Organizador Teixeira Coelho]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução: Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE, James. **Modernismo: guia geral 1890-1930/ organização.** Tradução: Denise Boumann. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

COMTE-SPONVILLE, André. **A felicidade Desesperadamente.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O amor a solidão.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu).** Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FARRINGTON, Benjamim. **A doutrina de Epicuro.** Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1968.

FERRY, Luc. **Aprender a viver filosofia para os novos tempos.** Tradução de Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

FREUD, Sigmund, **O mal-estar na civilização.** Tradução de Paulo César de Sousa. - 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

D' AGOSTINI, Franca. **Analíticos e Continentais** Guia filosófico dos últimos trinta anos. Tradução Benno Dischinger. Coleção Idéias 4 - Editira Unisinos. São Leopoldo RS, 2003.

GAY, Peter. **Modernismo: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco.** Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

HADOT.Pierre. **Elogio da filosofia antiga.** Tradução de Flávio Fontenelle Loque, Loriane Oliveira, São Paulo: Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga.** Tradução: Flavio Fontenelle Loque, Loraine Oliveira. São Paulo, É realizações editora, 2014.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** – Passagem da modernidade à pós- modernidade na cultura contemporânea. Pgs.13- 113. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 25ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KUMAR, Krishnam. **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução: Ruy Jungmann, Carlos Alberto Medeiros. – 2. Ed. ampl. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Editora Barcarolla. 2004.

\_\_\_\_\_. **A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Tradução de Therezinha Monteiro Deutsch. –Barueri, SP: Manole,2005

LIMA VAZ, Henrique. **Escritos de Filosofia IV introdução à ética filosófica 1**, Edições Loyola, São Paulo, 1999.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia** dos pré- socráticos a Wittgenstein. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2010.

MISRAHI, Robert. **A felicidade ensaio sobre a alegria**. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: DIFEL,2001. (Coleção Enfoques Filosofia)

AURÉLIO, Marco. **Meditações**. Tradução de Thainara Castro. –Brasília: editora Kiron, 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://cld.pt/dl/download/70e5e903-2fb6-456b>. Acesso em 18/03/18

ONFRAY, Michel. **Contra- história da filosofia; as sabedorias antigas, I**. Epicuro e “o prazer supremo” p.171-213. Tradução Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga – volume III**. São Paulo: Loyola, 1994. – (Série história da filosofia.)

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta. Canção de amor e morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. Tradução: Paulo Rónai. Editora Globo. Porto Alegre, RJ, 1983.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo. Edições Loyola 2009.

\_\_\_\_\_. **Epicuro e as bases do epicurismo**. São Paulo:Paulus, 2013. – (Coleção Ensaio Filosóficos)

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **O filósofo da alegria**.4. ed.rev.amp Porto Alegre: Edipucrs,2010.

VALIM, Diogo Assunção; BORDIN, Reginaldo Aliçandro. **Epicuro: a ética e o prazer, os caminhos da felicidade**. Disponível em: <https://www.google.com.br/ur?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.ppe.uem.br/jea/anais/2008/pdf/>. Acesso em 08/02/2017.